

FACULDADES PEQUENO PRÍNCIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM ENSINO
NAS CIÊNCIAS DA SAÚDE

**PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE
ATIVIDADES DE EXTENSÃO**

CURITIBA
2019

FRANCIELE COUTINHO FRANÇA

**PERCEPÇÃO DOS ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE
ATIVIDADES DE EXTENSÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino nas Ciências da Saúde, da Faculdade Pequeno Príncipe, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ensino nas Ciências da Saúde.

Orientadora: Dra. Maria Cecília Da Lozzo Garbelini.

CURITIBA
2019

TERMO DE APROVAÇÃO

FRANCIELE COUTINHO FRANÇA

“PERCEPÇÃO DE ACADÊMICOS DE SAÚDE SOBRE ATIVIDADES DE EXTENSÃO”

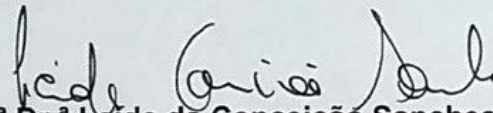
Dissertação **aprovada** como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra**, no Programa de Pós-Graduação em Ensino nas Ciências da Saúde da Faculdades Pequeno Príncipe, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a):



Prof.ª Dr.ª Maria Cecília Da Lozzo Garbelini

Doutora em Ciências. Professora e Orientadora do Programa de Ensino nas Ciências da Saúde na Faculdades Pequeno Príncipe.



Prof.ª Dr.ª Leide da Conceição Sanches

Doutora em Sociologia. Professora e Orientadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino nas Ciências da Saúde da Faculdades Pequeno Príncipe.



Prof. Dr. Thiago Rocha da Cunha

Doutor em Bioética. Professor e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Curitiba, 21 de novembro de 2019.



EPÍGRAFE

*“E quando a gente confia em Deus,
Ele nos surpreende. Quando a gente
espera, Ele nos recompensa. Quando
a gente tem fé Ele nos honra. E
quando a gente tem esperança Ele
faz tudo dar certo”. (Yla Fernandes)*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar ao meu lado em todos os momentos. Cada dia mais grata a Ti.

A minha querida orientadora, Professora Dra. Maria Cecília da Lozzo Garbelini, primeiramente pela força, me fazendo acreditar que eu conseguiria enfrentar um dos momentos mais difíceis da minha vida sem desistir do que havia iniciado: o mestrado. Gratidão, pela confiança, disposição e impecável orientação.

Aos professores Dra. Leide da Conceição Sanches e Dr. Thiago Rocha da Cunha, membros da banca examinadora, por terem atendido ao convite e pelas ricas contribuições a este trabalho.

Aos meus pais, Adjahir e Marlene, pelo afeto e por sempre me mostrarem o melhor caminho a seguir. Deus foi tão maravilhoso quando escolheu vocês para serem meus pais. Minha eterna gratidão, amo muito vocês.

Aos meus irmãos, Daniel e Daniele, palavras não resumem tudo o que significam para mim. Gratidão por tudo, em especial para a “Dani”, que é a minha fonte de inspiração.

Ao meu querido esposo Elias, por estar sempre junto comigo nos desafios da vida. Você é presente de Deus em minha vida. Amo muito você!

As nutricionistas do Hospital da Cruz Vermelha, gratidão pelo apoio sempre que precisei.

Mackciane e Patricia, obrigada pelas contribuições na tradução. Foi de grande valia.

Aos Mestres pelos ensinamentos e conhecimentos partilhados.

Aos meus amigos de caminhada “André, Emanuel e Rosani”, o incentivo de vocês foi primordial para a conclusão desta trajetória.

Aos membros do Projeto Educar para Prevenir pela rica contribuição nesta pesquisa.

LISTA DE SIGLAS

Art - Artigo

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CNE - Conselho Nacional de Educação

CNS - Conselho Nacional de Saúde

DCNT - Doenças Crônicas não Transmissíveis

EAN - Educação Alimentar e Nutricional

FPP - Faculdades Pequeno Príncipe

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IES - Instituição de Ensino Superior

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MS – Ministério da Saúde

N - Número

P - Participante

PECS - Programa de Mestrado em Ensino nas Ciências da Saúde

PDIs - Planos de Desenvolvimento Institucionais

PNSAN - Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional

PR - Paraná

PPCs - Projetos Pedagógicos dos Cursos

PPIS - Projetos Políticos Institucionais

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UnB – Universidade de Brasília

URJ - Universidade do Rio de Janeiro

WHO - *World Health Organization*

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. A História da Extensão Universitária.....	19
Tabela 1. Dados sociodemográficos.....	39

RESUMO

As atividades extensionistas podem despertar interesse nos educandos estabelecendo responsabilidade individual e cooperação coletiva. A extensão na área da saúde pluraliza cenários práticos e permite a consolidação da aprendizagem e incentivo à formação de cidadãos críticos, com capacidade de enfrentar e solucionar questões individuais e sociais. Objetivou-se apreender a percepção dos estudantes da área da saúde sobre a extensão e desvelar as contribuições das atividades desenvolvidas na formação acadêmica. Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa. Participaram 15 alunos extensionistas dos diversos cursos da área da saúde de uma instituição de ensino superior localizada na cidade de Curitiba-PR. Para subsidiar a pesquisa foram desenvolvidas atividades preparatórias nos meses de agosto e setembro de 2018 e, no mês subsequente, a atividade educacional foi apresentada para uma comunidade parceira. A coleta de informações foi efetivada por meio de uma entrevista individual e audiogravada e, para a interpretação e análise dos dados, utilizou-se a Análise de Conteúdo seguindo os critérios metodológicos propostos por Minayo (2007). Resultou em oportunidade de aprimoramento das habilidades quanto à comunicação, interação social com rompimento do pensar de forma individual e com avanço e contribuição para o desenvolvimento pessoal e profissional. Foi possível observar que a extensão pode ser iniciada desde o início do curso estendendo-se até o final da graduação. A pesquisa permitiu um rico aprendizado no qual o conhecimento adquirido foi capaz de transcender a lacuna universidade/comunidade. Também foram ressaltadas algumas limitações e fragilidades no decorrer das atividades. Deve-se considerar a amplitude da extensão em diversos âmbitos, conciliando teoria e prática, o que permite que visões acerca de mundos diferentes sejam repensadas e valorizadas com o acolhimento da cultura e opiniões extra Universidade.

Palavras-chave: Relações Comunidade-Instituição, Extensão, Pesquisa Qualitativa, Aprendizagem.

ABSTRACT

Extension activities should arouse learners interest establishing individual responsibility and collective cooperation. The amplitude of health area pluralizes practical scenarios and allows extension agents to consolidate learning and encourage the formation of critical beings, with capacity to face and solve individual and social issues. The present study aimed o learn the students' perceptions about experience of extension and unveil the contributions of the activities developed in student training was the goal. An exploratory descriptive study with a qualitative approach was carried out. Participated in this study around fifteen extension students from different courses in the health area of higher education institution located in Curitiba-PR. To subsidize the research preparatory activities were carried out in August and September 2018 and, in the following month the educational activity was presented to a group of elderly people. The collection of information was accomplished by audio-video interview and the analysis was based on Content Analysis, according to the methodological criteria proposed by Minayo (2007). It resulted in an opportunity to improve communication skills, social interaction with the breakdown of thinking individually and with advancement and contribution to personal and professional development. It was possible to observe that the extension can be started from the beginning of the course, extending by the end of graduation. It allowed a rich learning where the knowledge acquired was able to transcend the university / community gap. Some limitations weaknesses during the activities were also highlighted. The breadth of extension should be considered in several areas, with conciliation of theory and practice which allows visions about different worlds to be rethought and valued with the reception of culture and extra university opinions.

Keywords: Community-Institution Relations, Extension, Qualitative Research, Learning.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 OBJETIVOS	14
2 REVISÃO DE LITERATURA	16
2.1 A HISTÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	16
2.2 PROJETO DE EXTENSÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE	19
2.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE	22
2.4 PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM SAÚDE	24
2.5 INTERDISCIPLINARIDADE E EXTENSÃO.....	26
2.6 A INSERÇÃO DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA PARA UM GRUPO DE IDOSAS COM FOCO NA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL	27
2.7 EXTENSÃO SOB A ÓTICA DE PAULO FREIRE	30
3 MÉTODO	33
3.1 TIPO DO ESTUDO	33
3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO.....	34
3.3 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	35
3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES	35
3.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES.....	36
3.6 ASPECTOS ÉTICOS	37
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	39
4.1 Categoria 1 – ATIVIDADES EXTENSIONISTAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: PONTOS POSITIVOS E FRAGILIDADES	40
4.2 Categoria 2 - ATIVIDADES DE EXTENSÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE	44
4.3 Categoria 3 - PRÁTICA INTERDISCIPLINAR E INTERPROFISSIONAL NA ARTICULAÇÃO DOS SABERES E FAZERES	46
4.4 Categoria 4 - EXTENSÃO NO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL DOS ACADÊMICOS.....	49

4.5 Categoria 5 - INSERÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE	52
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS.....	58
APÊNDICE.....	70
1 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	70
ANEXOS	73
1 TERMO DE CONFIDENCIALIDADE/RESPONSABILIDADE	73
2 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO	74

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir de atividade de um Projeto de Extensão, de uma Instituição de Ensino Superior (IES) localizada em Curitiba-PR, com a finalidade de promover a educação em saúde para idosos, com a temática sobre a alimentação saudável. As atividades extensionistas, executadas por graduandos e mestrandos de diversos cursos e profissões de saúde, se situam no âmbito do ensino e da integração entre os serviços e a comunidade.

A complexidade da vida atual e a difusão de novos hábitos e padrões de comportamento modificaram as condições e a qualidade de vida da população, o que acarretou alterações no perfil das doenças e agravos à saúde. Além das doenças infectocontagiosas há, por outro lado, as condições crônicas, frequentemente referidas como doenças e agravos não transmissíveis, que se desenvolvem a partir de modos de vida, sendo considerados fatores de risco a alimentação inadequada, a falta de atividade física e o tabagismo (CÂMARA et al. 2012).

Muito se discute sobre a percepção do processo saúde-doença e sobre os fatores que a remetem como um processo social e culturalmente construído, o que leva a pensar não em doença em si, mas em processo de saúde-doença pela evidência de seu caráter sociocultural. (MINAYO, 1988). Dentro deste contexto e perspectivas foram desenvolvidas as atividades extensionistas, pois se acredita que a conscientização se dá de forma eficaz por meio da educação.

As atividades educacionais que visam o conceito ampliado de saúde justificam-se pelo fato de que, concomitantemente com o desenvolvimento rápido das tecnologias em saúde, dos controles das doenças infecciosas, das doenças crônicas, das melhorias das condições sanitárias e com alterações das condições ambientais, ainda se depara com o conceito de saúde como o oposto de doença. (BRASIL, 2009). Destaca-se então a necessidade e importância de atividades extensionistas que, com foco em ações em saúde,

sejam coerentes e baseadas nas singularidades de uma determinada população e que possam ser estabelecidas a partir da percepção de saúde desse público, amparado em seu contexto sociocultural.

Ressalta-se que o projeto de extensão permite uma prática educativa, pois possibilita uma formação aprofundada dos discentes da IES, futuros profissionais de saúde. Neste contexto, o presente estudo iniciou com reuniões entre os membros para preparar a temática sobre a alimentação saudável. Idealizou-se disseminar uma ação em educação nutricional, para um grupo de idosas, que se reúnem semanalmente no salão paroquial de uma cidade localizada na região metropolitana de Curitiba, para aprimorar seus conceitos sobre a elaboração das suas receitas com atividades recreativas referentes à composição, benefício e prejuízos dos nutrientes de determinados alimentos consumidos em excesso.

A literatura atual aponta que os idosos carecem de necessidades nutricionais específicas e as atividades extensionistas, voltadas para esta finalidade, podem criar subsídios para colaborar com esta parte da população. As estratégias de educação em saúde, com respeito à nutrição dos idosos, têm sido ferramentas positivas na construção de conhecimento para o autocuidado. Uma alimentação adequada nessa fase da vida é de suma importância, pois permite melhor capacidade funcional. (BERNARDI; MACIEL; BARATTO, 2017).

Os projetos de extensão pluralizam cenários práticos e permitem aos acadêmicos a consolidação de suas bagagens independentemente do período em que se encontram na graduação, pois esta vive em constante mudança, além de incentivar a formação de seres críticos, com capacidade de enfrentar e solucionar questões individuais e sociais (DEL- MASSO et al. 2017). Diante desse cenário, destaca-se a importância da educação em saúde, com base na orientação de hábitos de vida saudáveis, discutidos pelos profissionais e acadêmicos integrantes dos diversos cursos da área da saúde.

Pode-se dizer que sem a comunicação não há como compartilhar o saber, uma vez que na visão de Freire (1985, p. 46) “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos

significados” em prol do mesmo objetivo.

Como nutricionista e aluna do programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Ensino nas Ciências da Saúde (PECS), da Faculdade Pequeno Príncipe, surgiu a oportunidade de participar do projeto de extensão Educar para Prevenir a fim de promover uma ação de extensão referente à alimentação saudável. O projeto permitiu o contato com os extensionistas, graduandos de diversos cursos da área da saúde da IES, nas diversas reuniões realizadas com o intuito de elaboração das atividades educacionais. Posteriormente, com as atividades já delineadas, foi realizada a atividade junto à comunidade. Neste momento, foi possível conhecer e interagir com o público alvo e, ao mesmo tempo, perceber a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade respeitando e promovendo a interculturalidade. Após a conclusão das atividades, os acadêmicos foram convidados a participar da pesquisa.

Justifica-se a pesquisa devido à regulamentação das atividades acadêmicas de extensão apontadas pela recente resolução nº7, de dezembro de 2018, expedida pelo Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior (BRASIL, 2018a), que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, na forma de componentes curriculares para os cursos.

A ação foi desenvolvida com a soma das experiências dos envolvidos no sentido de estimular as pessoas a ter hábitos saudáveis, melhorar suas condições de saúde e desenvolver o senso de responsabilidade pela própria saúde. Teve como objetivo: apreender a percepção dos alunos extensionistas frente a ações educativas em saúde junto a uma comunidade de idosos. Desta forma questiona qual a percepção dos estudantes sobre atividades de extensão durante a formação acadêmica na área da saúde?

1.1 OBJETIVOS

Apreender a percepção dos estudantes da área da saúde sobre

atividades de extensão.

Desvelar as contribuições das atividades extensionistas na formação de estudantes da área de saúde.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 A HISTÓRIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

O surgimento da extensão no Brasil deu-se no século passado, porém nota-se que a extensão não é tão recente assim, pois em meados do século XIX na Inglaterra, acontecia as primeiras manifestações sobre a temática, posteriormente expandindo-se para a Bélgica, Alemanha, Europa toda, até chegar nos Estados Unidos. (PAULA, 2013; DESLANDES e ARANTES, 2017).

Barbosa (2012) relata que a primeira caracterização de extensão universitária no Brasil aconteceu em 1912 com a criação da Universidade Livre de São Paulo e, sua forma de apresentação, acontecia mediante cursos e debates com pequena inserção da população, pois não correspondiam os interesses populares.

Em abril do ano de 1931 por meio do decreto do “Estatuto da Universidade Brasileira, criação do Conselho Nacional de Educação (CNE) e o da Organização da Universidade do Rio de Janeiro (URJ)”, passou a ser discutido os assuntos relacionados às questões sociais e a definição do modelo da universidade no Brasil, permitindo ao aluno participar do ensino de forma prática e também a inerência da extensão com a sociedade. Contudo, observaram-se imprecisões no quesito da indissociabilidade do ensino, pesquisa e extensão e não aderência ao modelo proposto pelo próprio governo. (ROTHEN, 1980, p.1).

Medeiros (2017, p.2) traz uma fala abreviada quando cita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de nº4024, promulgada nos vinte dias de dezembro de 1961 preconizando “as modalidades de transmissão do conhecimento e assistência”. Esta foi a segunda legislação informada a respeito da educação com o objetivo de transferir a ciência e o assessoramento mediante a ordenação curricular para os três graus de ensino (primário, médio e superior). No entanto, percebe-se que a extensão

aqui não foi abordada e restaram inúmeras insoluções para a ampla renovação idealizada no ensino. (MARCHELLI, 2014).

A extensão universitária tornou-se obrigatória no ano de 1968 por meio da lei nº 5540 sancionada em 28 de novembro, a qual determina em seu Art. 20º “As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob a forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes”. (BRASIL, 1968, p.1; GADOTTI, 2017, p.2; MEDEIROS, 2017, p.2).

Dentro dessa perspectiva o Ministério da Educação e Cultura (MEC) elaborou em abril de 1975 o Plano de Trabalho de Extensão Universitária, tendo como objetivo instituir “a extensão universitária no Brasil, como atividade sistemática e intimamente relacionada com o ensino e a pesquisa [...]”, enfatizando e fortalecendo a indissociabilidade entre a tríade ensino, pesquisa e extensão. (SOUZA; MOREIRA; SOUZA, 2014, p.2). Para Medeiros (2017) o Plano de Trabalho de Extensão Universitária tem um marco histórico na edificação da extensão no Brasil, por que:

Através dele o MEC conseguiu, mesmo diante de uma conjuntura de repressão, garantir a competência de preconizar como o trabalho extensionista deveria ser realizado pelas Universidades. Isso significa criar uma linha política de atuação e a partir dela, construir espaços para que novos atores sociais se colocassem em cena, no caso as próprias Universidades. (MEDEIROS, 2017, p. 3).

Em 06 de novembro de 1987 na Universidade de Brasília – UnB, por meio do I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas a extensão foi redefinida com as práticas de ensino e pesquisa, tornando a mesma como processo na articulação do “Ensino e Pesquisa”. Diante do pressuposto, surgiu o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas – Forproex, estabelecendo novos conceitos:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade.
A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de

saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social. (FORPROEX, 2012, p.15).

No final do ano de 1996 foi estabelecida a Lei nº 9394 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, dando direito a todo cidadão de ter acesso gratuito ao ensino fundamental e médio, além de determinar as obrigações das instituições de ensino e aos profissionais da educação. As diretrizes curriculares básicas e dentre outros objetivos sublinha a promoção da extensão compartilhada com a comunidade, as atividades de extensão e projetos de pesquisa científica. (BRASIL, 2005).

Como avanço, em 2001 foi aprovado o Plano Nacional de Educação, o qual consolida que, “no mínimo, 10% do total de créditos exigidos para a graduação no ensino superior no País será reservado para a atuação dos estudantes em ações extensionistas”, sendo a ponte para o crescimento e desenvolvimento de ambas as partes “universidade – comunidade”, oportunizando a troca de saberes, crescimento pessoal e profissional. (FORPROEX, 2012, p.16).

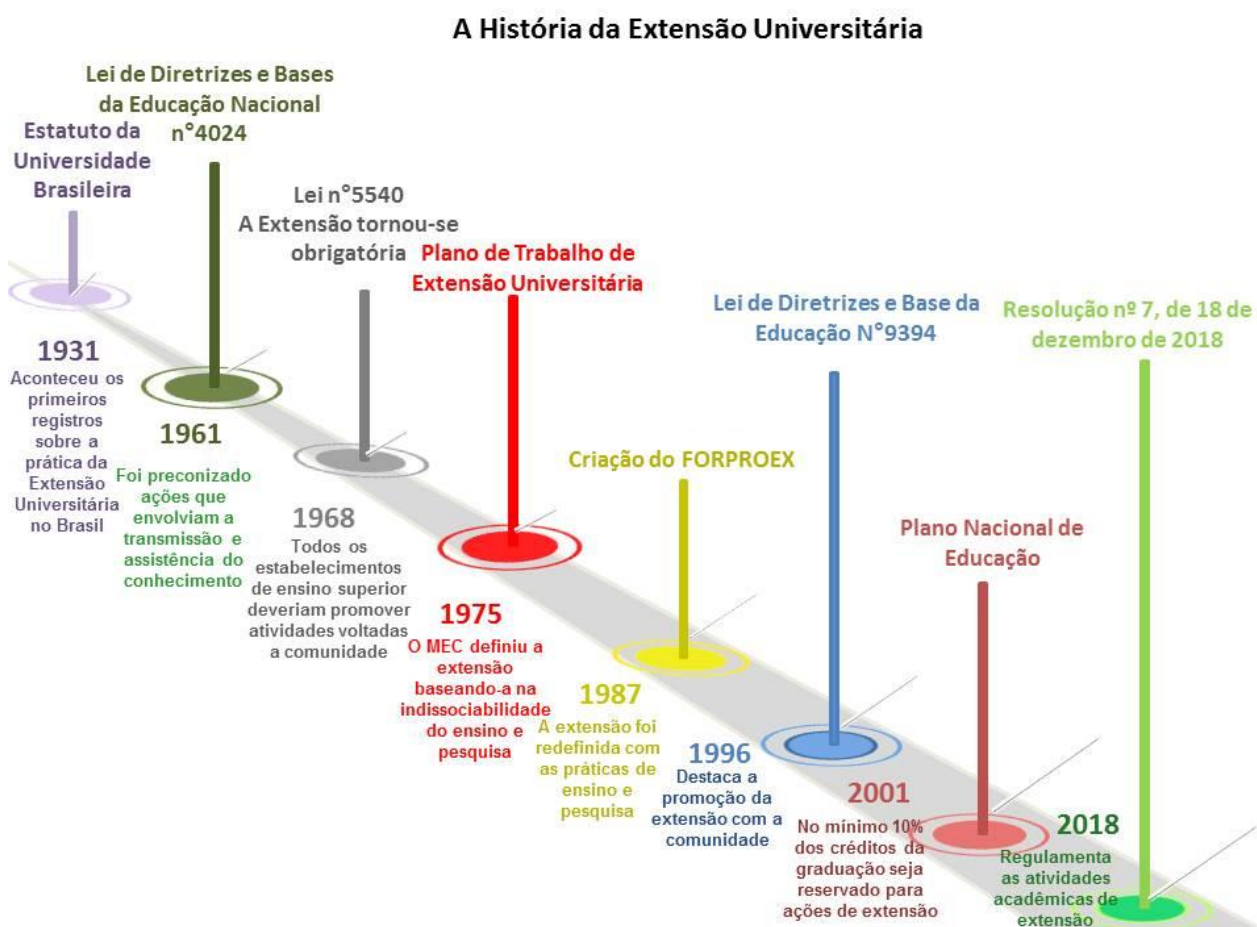
Recentemente, foram estabelecidas Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira regida pela resolução nº7 (MEC 2018) que no Art. 2º apresenta:

Regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação, na forma de componentes curriculares para os cursos, considerando-os em seus aspectos que se vinculam à formação dos estudantes, conforme previstos nos Planos de Desenvolvimento Institucionais (PDIs), e nos Projetos Políticos Institucionais (PPIs) das entidades educacionais, de acordo com o perfil do egresso, estabelecido nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) e nos demais documentos normativos próprios. (BRASIL, 2018a, p.1).

Deus (2017) relata que para muitos a evolução da extensão no Brasil, nos últimos anos, parece não ter sido tão significativa, pois foi acontecendo aos poucos e, quem acompanhou desde os primórdios, sabe da importância e necessidade de conquistar dentro da universidade uma Pró-Reitoria Acadêmica, estrutura destinada a extensão.

Percebe-se então, que a história da Extensão Universitária não é tão recente e na tentativa de traçar um percurso histórico foi desenhada uma linha do tempo da Extensão Universitária (Figura 1), que culmina com a perspectiva da construção de uma proposta voltada ao processo educativo com articulação da universidade e sociedade, como preconizada pela Resolução nº7 (MEC 2018).

Figura 1 – A História da Extensão Universitária



Fonte: a autora, 2019.

2.2 PROJETO DE EXTENSÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE

A extensão universitária é reconhecida como um dos três pilares da Educação Superior Brasileira, representando um importante espaço de formação e de aproximação entre a universidade e a sociedade. De acordo com a legislação, o tripé formado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão

constitui o eixo fundamental da integração com a comunidade (BARRAGÁN et al. 2016). A extensão universitária é, portanto, uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual ela está inserida, traduzindo-se como uma comunicação constante entre a instituição de ensino superior e a sociedade.

Entende-se a atividade de extensão como um processo integrante do processo formativo acadêmico, que ocorre por meio de vivências que provocam trocas e relações numa realidade social. É espaço de avaliação crítica para reconsiderar ações acadêmicas frente às demandas sociais e à formação de profissionais protagonistas destas transformações sociais. (SILVA; RIBEIRO; SILVA JUNIOR, 2013). A Resolução nº 7 (MEC 2018), em seu Art. 7º descreve que:

São consideradas atividades de extensão as intervenções que envolvam diretamente as comunidades externas às instituições de ensino superior e que estejam vinculadas à formação do estudante, nos termos desta Resolução, e conforme normas institucionais próprias. (BRASIL, 2018a).

As ações extensionistas constituem-se como uma possibilidade da IES desempenhar sua autonomia didático-científica satisfazendo ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Embora, estas três funções básicas devam ser equivalentes e receber igualdade de tratamento por parte das instituições de ensino superior, a extensão é, de modo geral pouco explorada, pois as atividades de ensino e pesquisa são mais evidenciadas. (MOITA e ANDRADE, 2009).

Privilegia-se neste projeto de pesquisa a interligação com a extensão, que é um facilitador na aproximação com a comunidade. Neste sentido, os dados advindos da extensão fornecem matéria prima para a produção de novos conhecimentos frente à educação em saúde, aplicáveis para a promoção e prevenção em saúde. Seguindo este raciocínio, Posser e Pedroso (2016) relatam que os projetos de extensão são de suma importância na medida em que é possível perceber e reconhecer como a teoria pode ser desenvolvida e utilizada em determinados contextos diferentes para a comunidade não acadêmica.

O projeto de extensão está em consonância com os incisos de I a VII do Regimento Interno da IES, onde ocorreu a pesquisa, conforme a seguir:

I- Estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo;

II - Formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;

III - Incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura, e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;

IV - Promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;

V - Suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;

VI - Estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;

VII - Promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.

Por conta da intenção de privilegiar o modelo biomédico de ensino, em detrimento da visão multidimensional, há um distanciamento dos discentes em relação às questões políticas, socioeconômicas e científicas, sendo priorizado o conhecimento técnico. Assim, são preparados profissionais para o enfrentamento dos desafios tecnológicos, mas pouco sensíveis ao uso social da ciência, ou seja, com pouca habilidade para aproveitar o conhecimento do senso comum na retroalimentação do conhecimento científico. (KOIFMAN, 2001).

Nesta perspectiva, é imprescindível o desenvolvimento de ações junto à comunidade, de forma a perceber melhor a realidade e por meio dela construir novos e diferentes saberes, a partir da fusão do conhecimento popular com o científico. Desta forma, há a garantia do intercâmbio de conhecimentos, o envolvimento com questões sociais e o desenvolvimento de ações de promoção da saúde a partir de um prisma holístico, onde as diversas visões de mundo sejam respeitadas. Para que tal desafio saia do

campo das ideias é necessário a realização de projetos de largo alcance social, voltados para públicos diversificados e que sejam planejados visando atender às reais necessidades da população-alvo. Com base nesta necessidade houve a preocupação de desenvolver o tema alimentação saudável para uma população de idosos.

2.3 EDUCAÇÃO EM SAÚDE

A educação em saúde dá-se por meio de práticas educativas a fim de promover impacto positivo na população alvo, com a finalidade de estimular mudanças acerca dos hábitos e estilo de vida da comunidade. O objetivo da educação em saúde não é de impor mudanças ao próximo e sim possibilitar reflexões, autonomia e responsabilidade de como é possível melhorar sua realidade por meio da contribuição dos profissionais de saúde. (OLIVEIRA e GONÇALVES, 2009). O Ministério da Saúde (MS) define educação em saúde como:

1-Processo educativo de construção de conhecimentos em saúde que visa à apropriação temática pela população e não à profissionalização ou à carreira na saúde.

2-Conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção à saúde de acordo com suas necessidades. (BRASIL, 2012a, p.20).

A promoção da saúde foi apresentada pela primeira vez em 1945, por Henry Sigerist no Canadá, com destaque dentre as quatro áreas mais importantes da medicina. Já em 1970 destaca-se o 'Informe Lalonde' que propõe e prioriza “medidas preventivas e programas educativos voltados para as mudanças comportamentais e estilos de vida” (SILVA et al. 2008, p. 2). No entanto, não foi dado enfoque aos determinantes socioeconômicos e políticos e, deste modo, a promoção de saúde obteve seu destaque na saúde pública a partir da década de 1980, por meio de acontecimentos internacionais (CARVALHO et al. 2017).

Fazendo uma breve retrospectiva nota-se que a educação em saúde, em meados do século XIX contemplava apenas a alta sociedade, mas devido ao transtorno da economia do país, provocado pelas epidemias no início do século XX, houve a necessidade de se estender à classe popular (FERREIRA et al. 2016).

Conforme as Diretrizes de Educação em Saúde estabelecidas pela Fundação Nacional de Saúde (Funasa) destacam-se abaixo os seguintes pontos:

A Educação em Saúde é uma prática social, cujo processo contribui para a formação da consciência crítica das pessoas a respeito de seus problemas de saúde, a partir da sua realidade, e estimula a busca de soluções e organização para a ação individual e coletiva; Reafirma a educação como um sistema baseado na participação das pessoas visando à mudança (transformação) de determinada situação, rompendo com o paradigma da concepção estática de educação como transferência de conhecimentos, habilidades e destrezas;

A prática de saúde, enquanto prática educativa, tem por base o processo de capacitação de indivíduos e grupos para atuarem sobre a realidade e transformá-la;

A prática educativa parte do princípio de respeitar o universo cultural das pessoas e as formas de organização da comunidade, considera que todas as pessoas acumulam experiências, valores, crenças, conhecimentos e são detentoras de um potencial para se organizar e agir.

A dimensão educativa é inerente aos processos de trabalho em saúde, seja ao nível da sua formalização nas práticas pedagógicas reconhecidas por sua delimitação ao espaço da escola ou dos serviços de assistência à saúde, mas também pela saúde e educação constituírem-se como práticas sociais que se articulam na vida de todo ser humano. (BRASIL, 2007, p.20- 21).

Segundo Brandão et al. (2009), diferentes conceitos frente à educação em saúde podem ser notados, por isso é importante a construção do conhecimento e não a imposição deste ao próximo. Para trabalhar a promoção em saúde deve ser levado em consideração a individualidade das pessoas inseridas na comunidade e os diversos padrões culturais que os cercam, para que todos possam ser contemplados, independente do contexto em que estejam inseridos.

Compreende-se também que a mesma pode acontecer por meio de diálogos estabelecidos entre as pessoas, com o intuito de estreitar elos e transpor o saber científico frente a temática a ser enfatizada. Portanto, nessa visão, cabe motivar e valorizar sempre o conhecer do próximo, a fim de

encorajá-los a encontrar resoluções diante de diversos problemas enfrentados no cotidiano (REIS et al. 2013).

2.4 PRÁTICAS EXTENSIONISTAS EM ARTICULAÇÃO COM A EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Importantes em diversas conjunturas e épocas, os principais promotores da extensão foram as instituições universitárias, dando início às experiências em 1917, mediante debates e discussões semanais na Universidade de São Paulo. Portanto, o termo extensão só foi regulamentado em 1931 por meio do Decreto Federal nº 19.851 a inserindo em outros cenários como políticos, culturais e sócios econômicos. Porém, no âmbito acadêmico passou a ser reconhecida na década de 1980 mediante o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão (LUBINI et al. 2017).

Já citado no item 2.1, sabe-se que O FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS (2007, p. 17), “conceituou a política nacional de extensão universitária como processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade”.

A extensão universitária só é possível quando o trabalho é realizado no coletivo, envolvendo a interdisciplinaridade, com a atuação dos docentes e discentes. Ainda, deve haver a elaboração de atividades transdisciplinares, dando a oportunidade da participação de discentes de vários cursos, pois isto permite um resultado mais significativo do que o trabalho individualista. (FUNDAÇÃO MOCOCA, 2009).

As práticas de extensão, ofertadas pelas instituições de ensino, permitem formar docentes com uma visão generalizada do mundo ao seu redor, com capacidade de contribuir com a sociedade nos aspectos sociais, políticos e culturais. O discente necessita da fundamentação teórica para sua

formação, no entanto a prática da disseminação do seu conhecimento faz com que ajuste as barreiras entre as instituições de ensino e a comunidade.

Conforme Salci et al. (2013), as estratégias para a educação em saúde, propostas pela Carta de Ottawa, contemplaram cinco campos de ações para a promoção da saúde com capacidade de atingir o completo estado de saúde social, físico e mental. Dentre as ações relata-se o avanço das habilidades pessoais, reforços de ações junto a comunidades, a reorientação dos serviços de saúde, a implementação de políticas públicas saudáveis e criação de ambientes saudáveis.

A educação em saúde estabelece um conjunto de conhecimentos e práticas voltadas para a prevenção de doenças e a promoção da saúde, além de ser uma importante ferramenta no processo de conscientização individual e coletiva de responsabilidade e direitos à saúde (FERREIRA et al. 2014). Estende-se a um método onde os conhecimentos científicos produzidos no campo da saúde, intermediados por profissionais da área, favorecem a compreensão da realidade no âmbito da saúde, do meio ambiente e auxiliie a população a se organizar para modificá-la a fim de ampliar o exercício da autonomia e do controle social (FLISCH et al. 2014).

Atividades de educação em saúde, como oficinas realizadas pelos acadêmicos, são essenciais para a promoção da saúde, uma vez que, por seu intermédio, os moradores da comunidade, protagonistas do processo de aprendizagem, podem ser motivados a transformar suas vidas, sendo esta premissa um dos objetivos deste tipo de atividade. (TREZZA; SANTOS; SANTOS, 2007).

Para Badziak e Moura (2010) a saúde remete-se a um estado resultante da influência de fatores socioeconômicos e culturais como a alimentação, o trabalho e diversos outros elementos que podem gerar disparidades entre os níveis de vida individual e coletiva.

Sobreposto à extensão ressalta-se a troca do saber e, para isso, torna-se indispensável que o educando se iguale à comunidade para conhecer e compreender as particularidades da população atendida. Esta postura ajudará posteriormente na conduta do educador, propiciando um melhor resultado para ambas as partes, assim estendendo uma assistência

de qualidade para as pessoas (BRANDÃO et al. 2009; RODRIGUES et al. 2013).

Quando são realizadas as atividades de práticas educativas para saúde, no grupo da terceira idade, contribui-se para que os participantes possam aprender e fazer suas escolhas, além de refletir sobre a temática e a transformar seu estilo de vida, sendo assim capazes de assegurar dignidade e melhor qualidade de vida no envelhecer (OLIVEIRA et al. 2018).

2.5 INTERDISCIPLINARIDADE E EXTENSÃO

A Resolução nº 7 (MEC 2018), em seu Art. 5º traz “a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular”. (BRASIL, 2018a, p. 2).

Segundo Silva et al. (2016), o termo interdisciplinaridade independe de qualquer contexto para realizar a prática, porém, a inserção junto à extensão universitária permite aos extensionistas uma holística mais ampla acerca da mesma temática, ou seja, torna-os capazes de conhecer a importância das demais áreas participantes, instigando-os a respeitar, reconhecer e compreender o próximo. Para Ribeiro (2017, p. 8), “a interdisciplinaridade promove a interação no campo da ciência, associando o que se ensina aprende às condições concretas da vida, de maneira a atribuir sentido e uma maior aproximação da realidade vida sentida”.

Em concordância ao exposto Del-Masso e colaboradores (2017, p. 2), descrevem que a interdisciplinaridade:

Prevê a interação entre diferentes áreas do conhecimento de forma a superar as visões generalistas e especializadas acerca da complexa realidade social, possibilitando que a extensão universitária realmente ocorra de modo transformador, pois ao transformar a sociedade transforma os indivíduos (DEL-MASSO et al. 2017, p. 2).

Constata-se no estudo de Moron (2018), o relato dos alunos extensionistas sobre o quão importante e enriquecedora é a integração com

os profissionais de diversas áreas, pois este contato permite socialização e propicia amplo conhecimento de diversos conteúdos, além de contribuir para a formação pessoal e profissional.

Resende et al. (2018, p.7), enfatizam “a extensão como parte do tripé da universidade, oportuniza a construção de diálogos e conhecimentos interdisciplinares capazes de transformar visões de mundo e realidades profissionais nas diversas áreas do conhecimento”, ou seja, beneficiando os envolvidos, tais como, discentes, docentes ou comunidade.

2.6 A INSERÇÃO DE ATIVIDADE EXTENSIONISTA PARA UM GRUPO DE IDOSAS COM FOCO NA ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Orientar a necessidade nutricional de acordo com a faixa etária é muito importante visto que, com o aumento no ritmo de envelhecimento da população brasileira, torna-se essencial planejar e desenvolver ações de saúde que possam contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos idosos brasileiros (CERVATO, et al. 2005).

Os aspectos relacionados com a educação nutricional são amplos frente à tríade do comer, alimentar e nutrir, pois envolve fatores socioculturais, biológicos e ambientais. Para tanto a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) de 2012, propõe princípios a serem seguidos ao planejar e desenvolver ações que colocam como protagonistas as pessoas inseridas, seja lá qual for o cenário. (SANTOS, 2013 e BRASIL, 2018b).

A alimentação e nutrição são quesitos indispensáveis na vida do ser humano, sendo reconhecida pela Constituição Federal Brasileira como um direito humano universal, porém é necessário se atentar para a qualidade e benefício que o alimento proporcionará ao indivíduo. (FERREIRA e MAGALHÃES, 2007). A prática e a escolha alimentar saudável refletem numa qualidade de vida melhor, sendo uma das medidas preventivas para o aparecimento ao longo dos anos de doenças crônicas não transmissíveis

(DCNT) como diabetes, hipertensão, dislipidemias, obesidade e doenças cardiovasculares (SICHIERI et al. 2000).

De acordo com Recine e Radaelli (2005) e Fazzio (2012) os princípios da alimentação saudável podem ser definidos pela quantidade e a qualidade dos alimentos, isto é, saber fazer as escolhas para suprir a demanda do organismo, lembrando que cada indivíduo possui necessidades nutricionais diferenciadas e, por fim, priorizar nas escolhas dos alimentos que nada mais é do que equilibrar e adequar todos os nutrientes de acordo com a faixa etária, gênero ou em qualquer condição que o organismo se encontre.

No entanto, diante dos diferentes cenários nos quais o projeto de extensão atua, não se pode deixar passar despercebida a segurança alimentar, pois, “apesar da diminuição das desigualdades no Brasil, ainda é grande o contingente de pessoas que vivem em situação de insegurança alimentar, com desigualdades regionais e de outras índoles como de cor/raça, faixa etária, faixa de renda e localização urbano vs. Rural [...]”. (BEZERRA; OLINDA; PEDRAZA, 2017, p.648).

De acordo com o Decreto nº 7.272 de 25 de agosto de 2010, regulamentou-se a lei nº 11.346 em 15 de setembro de 2006 que cria a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (PNSAN) assegurando o direito humano à alimentação adequada. (BRASIL, 2010). O PNSAN teve o intuito de estimular novas formas e hábitos alimentares em toda a população brasileira, ou seja, reforça:

“O direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base em práticas alimentares promotoras de saúde que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis”. (CASTRO, 2019, p.1).

O perfil demográfico da população brasileira vem se transformando desde o ano de 1970 e aponta um aumento relevante de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, fato esse que impacta na saúde e nos aspectos socioeconômicos do idoso. (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016). Segundo Silva e colaboradores (2015), a cada ano são incorporados aproximadamente 650 mil idosos junto à população brasileira, sendo estimado para 2020 mais de 32 milhões de idosos.

De forma crescente e prevalente as DCNT são também causas responsáveis pela morbidade e mortalidade mundiais, como reflexo das escolhas e práticas diárias dos indivíduos. São geradoras, em longo prazo, do comprometimento de lesões e complicações no que se refere à saúde dos indivíduos o que pode favorecer a incapacidade ou mesmo óbito (THEME FILHA et al. 2015; MARIATH et al. 2007).

A expansão da longevidade pode acarretar índices elevados de DCNT, perda da independência, depressão e má nutrição, por isso o envelhecer com práticas saudáveis é importante para garantir a manutenção de uma melhor qualidade de vida (DAWALIBI et al. 2013). As condições peculiares do envelhecimento como enfermidades presentes, redução do metabolismo basal, alterações sensoriais, do trato gastrointestinal e mastigação refletem diretamente na alimentação inadequada, muitas das vezes o extremo do excesso ou *déficit* de nutrientes favorece a desnutrição, o sobrepeso ou a obesidade. (CAMPO; MONTEIRO; ORNELAS, 2000).

Diante de tantas mudanças consequentes da idade a perda progressiva de massa muscular, denominado como sarcopenia, limita a capacidade funcional e também a força mandibular no momento da ingestão de alimentos. Patologias como a osteopenia, relacionada à redução da estatura, a desidratação ocasionada pela diminuição da água corporal e a sarcopenia repercutem no estado nutricional da população geriátrica tornando-a mais vulnerável. (SANTOS; MACHADO; LEITE, 2010).

Por consequência das tantas alterações fisiológicas e anatômicas relacionadas à longevidade desta população, a educação nutricional em vários âmbitos terá uma maior adesão e trará uma qualidade de vida mais digna, pois o decréscimo da ingestão e qualidade alimentar, ao passar dos dias, reflete posteriormente numa condição nutricional precária (BUENO et al. 2008).

Com base na importância da educação e manutenção da saúde bem como na prevenção de doenças, o projeto de Extensão Educar para Prevenir tem se destacado como um terreno fértil para o desenvolvimento de ações junto à comunidade, em especial a esse grupo de idosos. Os acadêmicos do projeto participam ativamente das atividades pedagógicas educacionais

voltadas às atividades extensionistas e, ao compreenderem suas responsabilidades, contribuem tomando decisões quanto à escolha de temas para as apresentações, ainda cooperam na elaboração, execução e avaliação das atividades propostas.

Essas atividades pedagógicas educacionais complementam a formação profissional dos alunos, pois tornam possível a aprendizagem em situação real e ainda conferem mais significância às experiências vivenciadas na comunidade. Segundo Barragán e coautores (2016), essa consciência construída por meio da prática, no fazer cotidiano, pressupõe a colaboração de todos os envolvidos nas atividades extensionistas.

2.7 EXTENSÃO SOB A ÓTICA DE PAULO FREIRE

A extensão universitária no Brasil teve forte influência de Paulo Freire, quando sua consideração frente à temática estendeu-se ao campo da extensão, de forma a compreender que esta permite uma oportunidade de aprendizado mútua, envolvendo a “universidade com a comunidade” e “comunidade com a universidade”. (FORPROEX, 2013).

Freire (1985), em *Extensão ou Comunicação?* traz uma reflexão acerca da palavra extensão, quando se refere ao equívoco gnosiológico do termo, pois pressupõem que este se estende a alguém, a fim de substituir o conhecimento já adquirido por outro que está recebendo. Neste sentido, o autor acredita que o termo que se adequa melhor seja comunicação, pois esta permite a troca de conhecimento entre os envolvidos.

Nesta perspectiva, o autor discorre sobre a extensão como uma prática educativa libertadora, baseando-se na ideia que o conhecimento não se transmite e sim se constrói a partir de um diálogo de saberes, isto é, permitir ao extensionista e a comunidade inserida esta troca, reforçando assim a horizontalidade, cuja prática possibilite a apreensão da realidade do seu contexto frente a qualquer problemática.

Para Paula, (2013, p.13), a Universidade de Recife, por meio do Serviço de Extensão Universitária dirigido por Paulo Freire, “manifestou com clareza a efetiva integração da universidade, da extensão universitária, às grandes questões nacionais, ampliando o que já vinha sendo feito pelos estudantes com a luta pela Reforma Universitária”. Ainda, sobre a análise da mesma autora, a extensão:

É, talvez, como um paradoxo que a extensão universitária constituiu suas mais significativas referências e práticas, a partir da denúncia de Paulo Freire do conceito de “extensão,” o que obrigou aos que quiseram continuar a usar o termo a uma radical reconceptualização, que incorporou o essencial da perspectiva de Paulo Freire. (PAULA, 2013, p. 14).

Na visão Freireana a prática extensionista acontece por intermédio do conhecer quando o autor a descreve que “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito, e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer”. E ainda, afirma que “no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido [...]”. (FREIRE, 1985, p.16).

Borges (2018, p.1) traz uma resenha do livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, escrito em 1979 por Paulo Freire, no qual enfatiza a importância do diálogo, da educação libertadora, com o propósito de formar um indivíduo consciente e capaz de construir sua história e interagir com o mundo por meio das esferas culturais e sociais. Portanto, faz-se necessário que todos se conscientizem para saber relacionar-se com o mundo, não tornando uma relação de submissão e sim de ação, ou melhor, só é possível uma visão transformadora da realidade quando se tem consciência do mundo em sua volta.

Em *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Freire (2002) pressupõe que a extensão assegure ao aluno o desenvolver do processo do ensino e aprendizagem, por meio de um ensino crítico, que permite a participação na construção do conhecimento diante da prática educativa. Indo ao encontro da reflexão de Freire “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém”, entende-se que ensinar não existe sem aprender e

quanto o educador exercer a capacidade de aprender, maior será a construção do saber. (FREIRE, 2002, p.12).

3 MÉTODO

3.1 TIPO DO ESTUDO

Trata-se de um estudo exploratório descritivo com abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de informação uma entrevista semiestruturada.

O método exploratório é definido como sendo bastante flexível e tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses, tendo como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. (GIL, 2010).

Descritivo porque, a partir da caracterização e análise das informações cedidas pelos alunos extensionistas é possível identificar as lacunas de conhecimento sobre o referido tema. A pesquisa descritiva expõe uma realidade tal como esta se apresenta por meio da observação, do registro e da análise dos fatos ou fenômenos. (FONSECA, 2007).

A finalidade dos estudos descritivos é observar, descrever e classificar os fenômenos da pesquisa, transformar os resultados obtidos em dados significativos e interpretáveis. A predominância, a incidência e as características mensuráveis estão envolvidas diretamente no estudo descritivo quantitativo. (POLIT; BECK; HUNGLER, 2004).

De acordo com Minayo (2007) a pesquisa qualitativa busca desvelar processos sociais que são poucos conhecidos e que fazem parte de grupos particulares. Objetiva proporcionar a construção ou revisão de novas abordagens, conceitos e categorias referentes ao fenômeno estudado. Ainda, para a autora, nesse tipo de investigação o pesquisador tem como alvo a melhor compreensão do comportamento e da experiência humana, em que procura entender o processo pelo qual as pessoas constroem significados e descrevem o que eles representam.

A entrevista, delineada como uma técnica privilegiada de comunicação é desenvolvida como a estratégia mais utilizada no trabalho de

campo. Traduz-se como uma conversa entre dois ou vários locutores, iniciada pelo entrevistador, com propósito de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa. (MINAYO, 2007).

Cozby (2003) destaca a possibilidade de ocorrer viés do entrevistador, por se tratar de uma interação entre seres humanos, onde pode haver interferência sutil nas respostas do entrevistado, decorrente de sinais que possam ser demonstrados pelo entrevistador de aprovação ou desaprovação. Outro ponto relaciona-se a própria expectativa do entrevistador em “encontrar o que procura” nas respostas, isso pode tendenciar a leitura dos fenômenos.

Para Martins e Bicudo (1994) um fator importante refere-se ao potencial do entrevistador, o qual deve propor questões iniciais de maneira consistente e atraente, para que consiga estabelecer uma comunicação ativa durante a entrevista.

3.2 PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram da pesquisa 15 alunos extensionistas dos diversos cursos da área da saúde, após a apresentação da atividade de extensão na comunidade. Para subsidiar a pesquisa, inicialmente foram desenvolvidas atividades preparatórias, baseadas na alimentação saudável, nos meses de agosto a setembro de 2018.

A apresentação da atividade educacional aconteceu no mês subsequente e envolveu um grupo de idosas, numa faixa etária acima de 60 anos. Foi realizado um único encontro com o público alvo, com o objetivo de trabalhar a saúde nutricional e questionamentos comuns decorrentes da alimentação envolvendo patologias próprias à idade como hipertensão e diabetes.

O encontro teve como meta a promoção da saúde por meio da sensibilização e troca de experiências entre todos os participantes, proporcionando um momento de descontração e prazer. A estratégia utilizada

propiciou apreender a percepção dos estudantes sobre atividade de extensão durante a formação acadêmica.

3.3 CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DO ESTUDO

Por meio de uma prática reflexiva, com o objetivo de troca de saberes entre os extensionistas e as idosas, os 15 participantes foram inseridos num contexto sobre a alimentação saudável. O grupo de idosas se reúne semanalmente no salão paroquial de uma cidade localizada na região metropolitana de Curitiba. As atividades educativas foram iniciadas adotando a pedagogia dialógica de Paulo Freire, adaptada à área da saúde, despertando a oportunidade dos alunos em contribuir com a importância do tema.

Após a realização das atividades, os extensionistas foram convidados a participar da pesquisa efetivada nas dependências da IES. A coleta de informações, previamente agendada com os discentes, foi realizada em sala reservada pela pesquisadora para esse fim. Para tanto, foi necessário que os extensionistas estivessem regularmente matriculados na IES, fossem maiores de 18 anos, tivessem participado das reuniões e que tivessem colaborado em todas as fases desde a elaboração como na apresentação da tarefa educativa. Foram excluídos da pesquisa os extensionistas que não compareceram às reuniões do projeto, realizadas nos meses de agosto a setembro de 2018, e aqueles que responderam parcialmente ao instrumento de coleta de informações.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DAS INFORMAÇÕES

As informações foram coletadas no mês de outubro e novembro de 2018. Primeiramente foi aplicado um questionário com questões

sociodemográficas para identificar o perfil dos participantes da pesquisa, tais como faixa etária, gênero, estado civil, curso e período em que se encontrava na graduação.

Na sequência, os discentes participaram individualmente de uma entrevista audiogravada contendo perguntas disparadoras elaboradas pela autora do estudo. As perguntas versaram sobre a motivação para atuar na comunidade escolhida; a contribuição/benefício que o projeto trouxe para o grupo/comunidade; as impressões acerca das ações realizadas durante o projeto, tendo em vista as práticas profissionais inerentes aos cursos de graduação (Apêndice1).

3.5 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

Os dados oriundos do questionário foram organizados a fim de traçar o perfil dos participantes. Para análise das entrevistas utilizou-se Análise de Conteúdo, seguindo os critérios metodológicos propostos por Minayo (2007), que compreende os seguintes passos: organização das informações coletadas por meio das questões respondidas, com realização da leitura e releitura do material por diversas vezes na tentativa de compreender o que estava buscando.

No entanto, devido à falta de compreensão no primeiro momento, foi necessário constantemente retomar o objetivo inicial do trabalho, além do contato exaustivo com os dados. Em seguida, o material foi organizado e categorizado por meios das transcrições na tentativa de alcançar a essência do texto. O processo de análise resultou em categorias que mostraram indicativos concretos quanto à apreensão das percepções dos estudantes sobre atividades de extensão durante a formação acadêmica e, ainda; quanto às contribuições das atividades extensionistas para a formação de profissionais na área de saúde.

Por fim, o conteúdo foi desvendado e articulado com referenciais teóricos inserindo-o em categoria, no intuito de discutir e ampliar o

conhecimento acerca das atividades extensionistas. Após agrupar os depoimentos em cada categoria, foram realizadas novas leituras, procurando identificar aspectos comuns e divergentes, bem como os significados ocultos nas mensagens que permitissem fazer inferências e interpretações apoiadas no referencial teórico de Paulo Freire.

Os resultados foram apresentados de forma descritiva, incluindo trechos de depoimentos que ilustram cada categoria para melhor compreensão. Os participantes foram identificados pela letra “P”, seguida de um número de 1 a 15 para garantir o anonimato.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

A pesquisa obedeceu aos preceitos éticos conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), no que diz respeito à pesquisa com seres humanos. (BRASIL, 2012b). O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética da IES para assegurar que a pesquisa fosse eticamente aceitável e que os direitos de seus participantes estivessem salvaguardados. O estudo teve início logo após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob Parecer Consubstanciado nº 2.827.939 e, para amparar os aspectos éticos, foi fornecido aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que assinassem sua conformidade na participação da pesquisa.

A pesquisa apresentou o risco de perda do anonimato com a possível identificação dos participantes da pesquisa e, para minimizá-lo, a pesquisadora codificou os dados sociodemográficos e os separou do TCLE no momento da coleta das informações. O preenchimento dos dados sociodemográficos e a entrevista semiestruturada foram previamente explicados pela pesquisadora.

A entrevista ocorreu em ambiente reservado para preservar a privacidade e a confidencialidade, em horário não coincidente com as aulas. As informações audiogravadas ficarão em posse da pesquisadora que zelar

por sua guarda por cinco anos. O participante que por algum motivo não quisesse mais participar da pesquisa poderia se retirar a qualquer momento sem sofrer nenhum prejuízo quanto a sua participação nas atividades de extensão.

Como benefício da pesquisa houve a expectativa de oferecer ao participante a oportunidade de um momento de reflexão quanto à sua participação no projeto de extensão bem como avaliar a importância da atividade de extensão como um dos pilares da educação.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta os dados sociodemográficos dos 15 participantes da pesquisa, onde 11 eram do gênero feminino e quatro do gênero masculino; nove estavam na faixa etária entre 20 a 25 anos; 13 eram de etnia branca e dois pardos. A amostra apontou que 11 eram graduandos do curso de biomedicina, dois cursavam farmácia, um fazia o curso de enfermagem e um cursava medicina. Quanto aos períodos dos cursos um aluno cursava o primeiro período; cinco cursavam o segundo período; um cursava o terceiro período; dois estavam matriculados no quarto período e seis eram alunos do quinto e sexto período.

Tabela 1 DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

GÊNERO	N° de participantes	%
Feminino	11	73
Masculino	4	27
FAIXA ETÁRIA	N°	%
18 – 19	6	40
20 – 25	9	60
ETNIA	N°	%
Branca	13	87
Parda	2	13
CURSO	N°	%
Biomedicina	11	73
Farmácia	2	13
Enfermagem	1	7
Medicina	1	7
PERÍODOS DO CURSO	N°	%
Primeiro	1	7
Segundo	5	33
Terceiro	1	7
Quarto	2	13
Quinto	3	20
Sexto	3	20

Fonte: a autora, 2019.

Diante da oportunidade do desenvolvimento dessa pesquisa, coloca-se a indagação referente ao que seria extensão universitária na holística dos

extensionistas participantes do projeto Educar para Prevenir, que tem como proposta a realização de atividades de extensão. Ao elencar as categorias observou-se que o Projeto está atendendo aos objetivos propostos.

Em relação à análise por meio da leitura e releitura das entrevistas, obtiveram-se as seguintes categorias:

4.1 Categoria 1 – ATIVIDADES EXTENSIONISTAS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: PONTOS POSITIVOS E FRAGILIDADES

De acordo com Freire (1985) a extensão é uma prática educativa libertadora que permite a construção do conhecimento a partir de um diálogo de saberes, ou seja, permite ao extensionista levar a teoria trabalhada em sala de aula até a comunidade inserida, por meio da prática, reforçando a aprendizagem dialogada.

A Resolução nº 7 (MEC 2018), em seu Art. 3º traz que:

A Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação, transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa. (BRASIL, 2018a, p.1).

A mesma Resolução supradita enfatiza no Art. 4º “As atividades de extensão devem compor, no mínimo, 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular estudantil dos cursos de graduação, as quais deverão fazer parte da matriz curricular dos cursos”. (BRASIL, 2018a).

Ao analisar as entrevistas foi possível identificar a relevância do projeto de extensão não só no âmbito acadêmico, mas também no contexto pessoal. Pelos relatos as atividades realizadas contribuíram para o amadurecimento do futuro profissional que a instituição de ensino lançará ao mercado de trabalho. Os extensionistas têm a oportunidade de aprimorar suas habilidades quanto à comunicação, interação social e inserção na

comunidade juntamente com os colegas dos diversos cursos da saúde integrados ao projeto.

O ponto positivo acho que é isso, que desenvolve muito o aluno, você acaba crescendo né por ter o contato com as pessoas e também por desenvolver as apresentações [...] antes de apresentar um tema a gente tem que estudar todo o tema, por mais que a gente não faça a apresentação né (P4).

Faz com que o aluno tenha uma melhor habilidade na comunicação, na interação social e também acaba se desafiando a quebrar algumas barreiras ou limitações que ele possui (P8).

Ainda cabem as reflexões de Del-Masso e colaboradores (2017) já citados na introdução desse estudo, quando afirmam que os projetos de extensão oferecem aos acadêmicos, seja qual for o período do curso da graduação, uma formação mais consistente, pois incentivam o desenvolvimento de seres críticos e capazes de atender demandas sociais e individuais em âmbitos distintos.

Em concordância ao pressuposto Nobre et al. (2017) apontam diferentes competências que a extensão oferece aos alunos durante a graduação, sendo uma delas a correlação da teoria com a prática, por meio do diálogo e troca de conhecimentos adquiridos na universidade, bem como facilita a aproximação dos mesmos com parte da sociedade que não tem acesso a educação.

Ao questioná-los sobre as fragilidades relacionadas à sua participação no projeto de extensão pode-se observar menor ênfase quando confrontadas aos pontos positivos.

O ponto mais positivo é ajudando a comunidade, e tem toda essa percepção de que você está lá, você está realmente ajudando, fazendo a diferença. Como ponto negativo [...] realmente dá trabalho, porque é por semestre, geralmente tem muita gente envolvida e empenhada e tem vezes tipo que não tem ninguém empenhado (P1).

Pontos positivos são isso que eu falei né, que ajuda bastante a gente assim como um todo na parte nossa profissional e na multiprofissional [...] os pontos negativos eu acho que, não sei se é muito um ponto negativo, mas tem que ter certo comprometimento né, nesse horário que é fora do horário de aula, praticamente isso, e você tem que adequar a linguagem (P11).

É, a atividade ela é boa para multiprofissional, que a gente conhece de vários cursos, que a gente normalmente não teria tanto contato [...] fragilidade eu acho que a gente não tem tanto tempo quanto a

gente gostaria para dedicar para a atividade, que a gente tem meio que escolher entre uma coisa e outra (P15).

Corroborando com os relatos supracitados Castro (2004, p.13) contempla a extensão universitária como ambiente favorável para a promoção de atividades educativas, pois envolve diversos cursos em prol do mesmo objetivo e como consequência forma profissionais comprometidos com questões sociais e “capazes de se colocar no mundo com uma postura mais ativa e crítica”.

Indo ao encontro da narrativa do autor anterior, Freitag et al. (2016, p.11) descreve que a extensão “estrita as barreiras entre a comunidade e a universidade, sendo uma possibilidade de o estudante colaborar com a sociedade e compartilhar informações, associando teoria e prática, em busca da práxis crítico-reflexiva”.

Estudo sobre a participação dos alunos em projeto de extensão realizado por Ribeiro et al. (2016, p.11) enfatiza aspectos relacionados à falta de interesse e comprometimento: “[...] nossas agendas e horários não se batem, além de alguns alunos que não tem compromisso e acabam faltando demais” (Papagaio)”. Ainda sobre as fragilidades supramencionadas, os autores relatam que podem refletir negativamente no andamento das atividades extensionistas, pois o estudante deve ter papel fundamental em todos os estágios das atividades propostas que abrange desde a idealização, organização até o conteúdo final.

Diante dos relatos dos extensionistas foi possível intuir as barreiras e limitações presentes no desenvolvimento das atividades de extensão tais como a falta de tempo para se dedicar ao projeto e os horários das atividades em contra turno. Ainda foi relatada a falta de interesse de alguns alunos e a necessidade de adequação da comunicação para as diferentes faixas etárias.

Para Manchur et al. (2013) as atividades de extensão têm um papel notável no progresso do acadêmico, cooperando para sua formação pessoal e profissional, oportunizando uma ampla percepção do meio inserido. Complementando, Divino (2013) discorre sobre a importante troca de conhecimentos entre os professores, acadêmicos e sociedade quando se faz extensão, pelo fato da mesma possibilitar a promoção do ensino

aprendizagem no dia a dia, relacionado ao ensino e pesquisa, bem como oportunizar o confronto da teoria com as necessidades da população.

Entretanto, fazer extensão sem que haja a ponte entre o ensino e pesquisa é deletério, haja vista a importância em laurear a tríade (ensino, pesquisa e extensão) a fim de promover o desenvolvimento científico por meio das disciplinas, construir conhecimentos através da pesquisa e, também, dar oportunidade para o discente praticar o que vivenciou no ensino e pesquisa por meio da extensão. Com esta forma de agir haverá a formação de cidadãos críticos e consolidados frente a qualquer problemática real extra Universidade. (CAIRES; SILVA; LOPES, 2002).

Concordando com o citado no parágrafo anterior Freitas et al. (2016, p.2) afirmam que “a extensão universitária é um processo educativo, científico e cultural que busca a articulação entre ensino e pesquisa”, tendo como consequência a colaboração com a comunidade e, ao mesmo tempo, o compartilhamento de saberes entre o estudante e a comunidade. Para Maffei et al. (2016), as atividades de extensão realizadas junto da comunidade proporcionam aos extensionistas o confronto com problemas reais, sendo estes resolvidos por meio do saber prévio, adquirido na teoria, sem contar a oportunidade da interação e integração dos mesmos com a comunidade.

Santos (2015 p.5), em entrevista à Revista Brasileira de Extensão Universitária, faz menção da importante participação dos acadêmicos em projetos de extensão, dizendo que esta “é mais significativa do que muitas disciplinas na formação enquanto cidadão, formação enquanto pessoa para a sociedade e com a sociedade”.

Ainda, nesse contexto, Sousa e colaboradores (2019 p. 2743) descrevem em seu estudo que a inclusão “de acadêmicos em projetos de extensão proporciona um aperfeiçoamento em sua formação, uma vez que o acadêmico desenvolve habilidades de participação, proatividade, possibilitando o entendimento e empenho diante de atividades que devem ser planejadas e realizadas [...]”.

Em concordância Barros e Franco (2018) expõem que a extensão permite o progresso do estudante por meio das atividades realizadas, pois se dá a oportunidade de combinar a teoria aprendida em sala de aula com a

prática em campo, sendo esta, capaz de refletir positivamente em sua futura carreira profissional.

4.2 Categoria 2 - ATIVIDADES DE EXTENSÃO E EDUCAÇÃO EM SAÚDE

Para trabalhar a educação em saúde na comunidade, acredita-se que seja necessário resgatar a educação popular, um ponto de partida para a troca de experiências dos extensionistas com a comunidade. É preciso ter acesso e entender aos diferentes pontos de vista, conhecer como a comunidade atua em relação a sua saúde, valorizar os valores populares e assim poder contribuir com a aprendizagem dialógica buscando a reflexão crítica sobre os problemas que os cercam. (FREIRE e NOGUEIRA, 1993).

A Resolução nº 7 (MEC 2018), em seu Art. 5º e parágrafo primeiro organiza o exercício das Diretrizes da Extensão na Educação Superior frente “a interação dialógica da comunidade acadêmica com a sociedade por meio da troca de conhecimentos, da participação e do contato com as questões complexas contemporâneas presentes no contexto social”. (BRASIL, 2018a, p.2).

Del-Masso et al. (2017) relatam diversas experiências de atividades extensionistas desempenhadas em diferentes áreas, temáticas e lugares, apontando a relevância destas atividades para a sociedade. Descrevem que, independentemente da faixa etária, há contribuição para mudanças de hábitos por meio das intervenções realizadas.

Oliveira e Almeida Júnior (2015) enfatizam a relação universidade/comunidade evidenciando o quão importante é o papel do acadêmico engajado com o seu entorno e, a partir desse contexto, o mesmo será capaz de alcançar discernimento para atuar esclarecendo ou reduzindo questões mais profundas, seja qual for o cenário em que estiver inserido.

Divino (2013) ao discorrer sobre a extensão universitária desde os primórdios, cita que o início teve cunho religioso e intuito de desenvolver atividades para a população mais carente. Posteriormente repercutiu para a

universidade de Cambridge na Inglaterra, ganhou espaço e se estendeu a outros países até chegar à América Latina, revelando a capacidade de mudanças sociais, a idealização de novas práticas, o equilíbrio frente à universidade e sociedade e quebra de paradigmas.

Vicente e Souza (2016, p. 5) entendem por meio dos relatos de acadêmicos extensionistas, “que os projetos de extensão têm um importante papel de aproximação entre comunidade e instituição, cria laços, gerando colaboração recíproca e reforça a parte pedagógica desenvolvendo a cidadania do acadêmico”.

No contexto desta pesquisa, pode-se observar nos depoimentos que o conhecimento adquirido é capaz de transcender a lacuna universidade/comunidade, diante da construção do saber incorporada a universidade, propiciando transmitir ao meio externo ações preventivas sobre diversas temáticas.

Ah eu acho muito importante, porque você não consegue fazer saúde só curando, só dando remédio, você tem que fazer a conscientização da população [...] eles têm um conhecimento também para agir de uma forma correta (P5).

[...] eu acho que a educação em saúde é assim, é umas das principais coisas que a gente tem para mudar mesmo [...] com os projetos de extensão a gente usa de outra linguagem, então chega nas pessoas e a gente vê chegando, e é muito gratificante assim (P11).

[...] é construir um conhecimento para levar para o próximo, para deixar eles atentos sobre o que pode acontecer com certas moléstias que existem (P13).

A partir do relato de Freitas et al. (2016, p. 8), é possível compreender a importância das atividades extensionistas, uma vez que esta possibilita o desenvolvimento da teoria junto à prática, sendo uma amplitude para a construção de conhecimento e contribuição para “a compreensão de um ser socialmente responsável e capaz de refletir acerca das vivências cotidianas, construindo a sua identidade, tanto pessoal quanto profissional, sustentada na busca contínua do saber”.

Cabe aqui enfatizar que Gillis e English (2001) destacam a promoção da saúde, quando trazem a proposta traçada pela Carta de Ottawa em 1986, documento apresentado na primeira conferência internacional no Canadá,

com objetivo de promover saúde para todos no ano de 2000 e nos anos seguintes. Para tanto, a carta dispõe que para o equilíbrio e alcance universal, é necessário a participação coletiva, governamental, de setores sociais, econômicos e culturais. (WHO, 1986).

4.3 Categoria 3 - PRÁTICA INTERDISCIPLINAR E INTERPROFISSIONAL NA ARTICULAÇÃO DOS SABERES E FAZERES

No segundo parágrafo do Art. 5º da Resolução nº 7 (MEC 2018), está incluída nas diretrizes da extensão, “a formação cidadã dos estudantes, marcada e constituída pela vivência dos seus conhecimentos, que, de modo interprofissional e interdisciplinar, seja valorizada e integrada à matriz curricular”. (BRASIL, 2018a, p.2).

As atividades de extensão permitem a integração dos extensionistas dos diversos cursos da área da saúde, estabelecendo entrada para a interdisciplinaridade, com o intuito de possibilitar aos participantes o compartilhamento de conhecimentos, diferentes pontos de visão, habilidades e construções de ações com um olhar voltado para a sociedade. Assim há o rompimento do pensar de forma individual com avanço e contribuição para o desenvolvimento pessoal e social.

Quando se trata de multidisciplinaridade Anjos Filho e Souza (2017, p. 8) definem “como uma justaposição de diversas disciplinas para se tratar de um mesmo tema ou solucionar um problema, porém não ocorrem relações entre os profissionais de cada disciplina nem no plano técnico nem no científico”. O conceito difere da interdisciplinaridade onde acontece uma troca e novas combinações dos profissionais inseridos, tendo como produto final a articulação dos saberes e fazeres.

A interdisciplinaridade é alcançada quando todos se juntam para a resolução diante da mesma problematização imposta, seja qual for a instância, pois é esta integração que permite e envolve a participação de todos os profissionais adicionando o saber de cada um, tendo por fim a

elaboração de um material rico e formado por diferentes ideologias. (INTER, 2015).

Para Silva et al. (2013) o trabalho realizado pela equipe multidisciplinar exige relações sociais horizontais e o termo interdisciplinaridade sugere um trabalho integrado e compartilhado com as diversas áreas do saber. Requer a colaboração de profissionais de diferentes áreas de atuações gerando e trocando conhecimentos para a resolutividade dos problemas enfrentados, reforçando sempre as atividades humanizadas e elaborando projetos de intervenções para a promoção da saúde. O mesmo autor traz interdisciplinaridade integrada com diferentes áreas do conhecimento e disponível para aprender novos conceitos.

Bicalho e Oliveira (2011, p. 7) pontuam a multidisciplinaridade como primeiro nível hierárquico quando relacionada a interdisciplinaridade:

Corresponde à busca da integração de conhecimentos por meio do estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina ou por várias delas ao mesmo tempo”, diferente da interdisciplinaridade que “ocupa posição intermediária entre a multi e a transdisciplinaridade, com a ocorrência de intercâmbios e enriquecimentos mútuos entre as disciplinas. (BICALHO e OLIVEIRA, 2011, p. 7).

Diante do pressuposto para Roquete et al. (2012) a multidisciplinaridade é definida pela conjunção de diversas disciplinas, propondo um montante de saberes, contudo a interdisciplinaridade é visto como sinônimo de trabalho em equipe em diferentes âmbitos.

O trabalho em equipe, com vários profissionais da área da saúde, proporciona a interação entre os diferentes conhecimentos técnicos específicos com a produção de uma proposta de intervenção, que não seria produzida por nenhum dos profissionais isoladamente. A interdisciplinaridade traz uma visão ampla frente a diversas configurações do contexto inserido, além de oportunizar a formação de um rico conteúdo final, conforme as falas a seguir.

[...] é fantástico, quando dá certo, quando tem um diálogo entre esses profissionais e todos estão dispostos realmente a trabalhar em conjunto [...] eu acho que se torna enriquecedor para a pessoa e para mim como estudante sabe, eu aprender a ver o outro lado, então a ver o mundo da psicologia, da farmácia, da biomedicina como eles enxergariam aquela situação (P3).

Isso é ótimo porque a gente consegue levar para a comunidade diferentes visões de um mesmo assunto [...] então é muito

importante ter essa junção de todos os cursos na hora de explicar (P7).

Torna-se muito mais dinâmico [...] é mais visível quando a gente tem outra profissão ao nosso lado, isso faz com que tenhamos um vínculo e um respeito melhor pela outra profissão e uma compreensão [...] e no projeto de extensão é o que acontece, acabamos trazendo ideias de vários cursos diferentes e mostrando a diferença, encontrando a semelhança (P8).

É uma das coisas que eu mais gosto, porque eu acho que é um momento que realmente a faculdade mostra que tem uma coisa ali especial [...] é um momento assim que a gente vê no outro curso, num outro acadêmico a gente vê uma parceria e eles realmente ajudam (P9).

[...] é uma troca de experiência né, cada um junta um pouco da sua área e a gente tenta construir esse conteúdo para transmitir para a população, eu gosto, eu acho bem interessante (P12).

De acordo com os relatos supracitados infere-se que os depoimentos salientam a interdisciplinaridade, sendo possível observar a importante troca quando se trabalha em equipe, bem como, romper a ideia do trabalho individualista com um direcionamento para o convívio e vínculo profissional, na busca da resolutividade de problemas que surgirão em suas carreiras profissionais.

Sob o ponto de vista de Lorandi (2016, p. 162-163) as ações extensionistas estimulam as práticas sociais e “por ser uma ação interdisciplinar permite, ou exige, a resolução dos conflitos derivados de relações dialógicas entre sujeitos detentores de diferentes saberes e poderes [...]”.

De acordo com Conchão (2015) o perfil do profissional apresenta diferença quando tem o convívio com a interdisciplinaridade e a indissociabilidade da extensão, do ensino e pesquisa na sua formação, ou seja, adentra a diversas realidades pelo caminho, levando como bagagem, muita disciplina, dedicação, criatividade e respeito às ideologias dos outros profissionais inseridos na extensão.

No entanto, por meio do relato do participante “P3” fica uma lacuna para ser desvendada quando o mesmo coloca “[...] é fantástico, quando dá certo, quando tem um diálogo entre esses profissionais e todos estão dispostos realmente a trabalhar em conjunto [...]”. Seria falta de interesse do extensionista ou a falta de espaço que o acadêmico tem para desenvolver o

seu trabalho por resistência daqueles que estão inseridos há mais tempo no projeto?

Para Pinho (2006) os acadêmicos da área de saúde adquirem escassos ou nenhum conhecimento a respeito da atuação em equipes multiprofissionais, ações interdisciplinares e saúde coletiva. O autor relatou ainda que, o que se observa no Brasil de um modo geral, é a quantidade elevada de cursos na área de saúde sendo criados com fácil acesso, admitindo o acesso de alunos às universidades sem considerar o caráter qualitativo da formação.

4.4 Categoria 4 - EXTENSÃO NO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL DOS ACADÊMICOS

Na visão Freireana a extensão assegura ao aluno o desenvolvimento do processo do ensino e aprendizagem por meio de um ensino crítico, permitindo a participação na construção diante da prática educativa. (FREIRE, 1985).

Diante da categoria acima, Oliveira e Almeida Júnior (2015, p. 23) reiteram a extensão como ambiente oportuno para o conhecimento, considerando o contato com diferentes instituições e comunidades. É essa troca que a universidade com a sociedade permite ao acadêmico por meio do desenvolvimento de “trabalhos, técnicas, habilidades que favoreçam sua formação e obtenção de informações, que servirão de auxílio em suas práticas educativas e de saúde”.

As falas a seguir denotam a contribuição da extensão no desenvolvimento pessoal e profissional dos participantes, ganhando um espaço favorável frente a prática, reforçando e aprimorando ainda mais a interação junto à comunidade.

A primeira delas é mesmo a fuga da realidade do seu curso, muitas vezes você está preso ao seu dia a dia, sua rotina de estudo e pouco você aplica, pouco você entra em contato com as outras pessoas e, quando você faz uma extensão você tem tanto a chance de aplicar o seu conhecimento científico na população [...] eu diria

são ambos os benefícios, tanto para sua formação tanto quanto pessoa mesmo assim sabe (P3).

Conta para o currículo e também para conhecimento geral, porque se você participa de projeto de extensão você tem tendência a ter um conhecimento fora da sala de aula que agrega mais para a tua carreira também (P5).

[...] foi a partir do projeto que eu perdi o medo de falar na frente do público e tudo mais, justamente por ser um ambiente mais informal [...] foi uma oportunidade muito grande para eu aprender a lidar com a timidez, desenvolver um pouco mais a minha fala, sem contar que você pensar em levar um conteúdo muito relevante para outros lugares fora daqui, para pessoas que as vezes não tem a oportunidade (P6).

[...] o projeto me ajudou bastante assim, tanto no meu falar assim, apresentar, quanto na minha parte pessoal mesmo assim, profissional e pessoal e é fora a integração que a gente tem assim né, com o pessoal, com os professores, com as próprias pessoas que a gente vai apresentar, é muito legal a troca que a gente tem assim, é isso da troca, eu acho muito importante isso, porque a gente leva muita informação, mas a gente recebe muito também [P11].

Construir uma sociedade mais educativa, mais ampliada, assim no quesito de saúde, doença, principalmente saúde mental, praticamente é isso mesmo (P13).

Em consonância com os relatos acima Moron (2018) em pesquisa realizada com alunos extensionistas, registra o relato dos alunos quanto à relevância da extensão para a formação acadêmica e para a vida pessoal, como oportunidade de aplicar na prática os conteúdos apreendidos na teoria e, também, o constante aprendizado com os demais participantes, sejam estes professores, colegas de graduação ou comunidade.

Puhl (2016, p.10) descreve que a “extensão possibilita aos graduandos confrontar os saberes adquiridos ou conhecimentos que ainda serão descobertos por intermédio do ensino”, situando-os no período da construção teórica, não menos importante. Destaca também a importância da pesquisa, pois esta é capaz de expandir a evolução intelectual dos alunos ao reforçar a importância da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Oliveira et al. (2016) expõem o resultado das atividades realizadas pelos extensionistas, em interação com idosos institucionalizados, explicitando que esta interação proporcionou subsídios para a formação cidadã dos alunos, visto que durante as atividades os alunos precisaram

praticar certas habilidades específicas de comunicação com um público de outra geração.

Corroborando com os relatos dos entrevistados Saraiva (2007) afirma que a extensão universitária é:

[...] fundamental para garantir a missão social da universidade de formar cidadãos comprometidos com a sociedade na qual vivem e profissionais capacitados a promover o diálogo construtivo dos saberes populares com os conhecimentos técnicos e científicos, valorizando a diversidade sociocultural das regiões brasileiras e a apropriação das tecnologias sociais pelas comunidades. (SARAIVA 2007, p. 233).

No estudo de Freitas et al. (2016) pode-se observar a relevante contribuição das atividades extensionistas para os acadêmicos, pois entende-se que as mesmas oferecem experiências em diversos âmbitos, os tornando seres humanos diferentes, capazes de uma ótica diferenciada frente à realidade. Os autores enfatizam que houve desenvolvimento de habilidades em trabalho de grupo, auxiliando no crescimento pessoal e profissional do acadêmico, pois nos projetos realizavam atividades que não eram encontradas na grade curricular pessoal.

Para Lima et al. (2017) quando o acadêmico tem contato com atividades baseadas no ensino, pesquisa e extensão, a sua base profissional será diferenciada, permitindo levar consigo uma bagagem de experiências distintas daquele que se prende somente ao tradicionalismo. Assim, o contato com problemas que necessitam de soluções formam cidadãos e profissionais mais estruturados para semear o conhecimento adquirido e contribuir com o mundo fora da universidade.

Somando ao parágrafo anterior Martins et al. (2015) e Menegon et al. (2013) salientam a importância da participação dos acadêmicos nas atividades extensionistas, pois esta permite o desenvolvimento do mesmo no âmbito pessoal e profissional, o vínculo entre universidade e comunidade, a relação com profissionais de variadas áreas de conhecimento e a ampliação do conhecimento na sua futura profissão por meio das ações práticas realizadas.

Partindo desta visão acerca da relevante participação dos alunos extensionistas, observou-se que de coadjuvantes passaram a protagonistas do cenário externo ao qual foram inseridos. Transcendem a teoria e

delimitação do espaço físico dentro da universidade, ao mesmo tempo em que permite, em outra dimensão e estrutura, atender a demanda da sociedade com ênfase na dimensão dos quatro pilares da educação: o “aprender a aprender”, o “aprender a fazer”, o “aprender a conviver”, e o “aprender a ser.” (MARTINS, 2008, p.7).

4.5 Categoria 5 - INSERÇÃO DA EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DE ESTUDANTES DA ÁREA DE SAÚDE

Nesta categoria encontram-se colocações dos extensionistas acerca da inserção da educação em saúde ao longo da graduação por meio da extensão. Foi possível observar que a mesma pode ser iniciada já no primeiro período estendendo-se até o final da graduação. O início precoce do graduando na extensão, sem dúvida, permitirá um rico aprendizado tanto na sua formação profissional ou como pessoal.

A seguir seguem os relatos referentes ao questionamento descrito no enunciado da categoria.

[...] eu entrei quando eu estava no primeiro período eu já estava ajudando, isso me ajudou bastante a entender [...] eu acho que sim é muito importante [...] no começo e fim, no começo você tem que ser guiado e no fim você tem que tipo confirmar o que você aprendeu (P1).

[...] é muito bom a educação em saúde no começo do curso, porque é aonde você tem mais tempo para o projeto de extensão, então para você estar realizando essas atividades [...] na minha opinião pode ser trabalhada durante o curso, até porque depois como profissional a educação em saúde vai continuar acontecendo e você tem que fazer todo dia com seus pacientes, então pode ser em todo o curso, mas preferencialmente o tempo ajudaria no começo (P3).

Eu acho que tem que ser uma constância na verdade, não deveria ser em nenhum momento específico isso tinha que ser constante durante todo o curso e trabalhado ao mesmo tempo sabe, andando em paralelo (P6).

[...] eu acho que desde o primeiro período ali a gente já pode trabalhar com isso, até porque já no início a gente acaba começando a conhecer o que é saúde e como é a saúde e o projeto mesmo que ele traga conteúdo que você não viu, já vai te adiantar e te preparar para futuramente você estar mais desenvolvido naquilo,

então querendo ou não quando o projeto ele exige um pouco mais do aluno ele está deixando esse aluno mais aprimorado para ter menor dificuldade no futuro, então eu acho que quanto antes começar, melhor é (P8).

Contribuindo com os relatos acima, pontua-se a experiência da autora Deus (2017) quando indagada, numa entrevista para a Revista Brasileira de Extensão Universitária, como foi seu primeiro contato com a extensão:

Iniciei na Extensão ainda como estudante de jornalismo na Universidade Federal de Santa Maria. O caminho da extensão era e continua sendo muito importante para estudantes provenientes de camadas populares. Como filha de trabalhador do campo, negra, estudante de jornalismo, em uma época que ainda não era uma profissão para mulheres, a extensão foi o meu lugar na Universidade. Desde lá, se vão 40 anos, nunca mais sai da extensão. A professora que sou, a militante que me tornei e a gestora que aprendi a ser resultam diretamente da minha vida de extensionista. Digo mais: a pessoa que sou devo ao aprendizado da extensão! Fui aluna bolsista, coordenadora de atividades e atualmente Pró-Reitora de Extensão já na terceira gestão. Não consigo ver a Universidade por outro ângulo que não seja o da extensão. (DEUS, 2017, p. 122).

A importante disseminação da extensão e suas atividades promovidas a cada dia transpassam fronteiras. Segundo Deus (2018) “a prática extensionista que antes se resumia na ação militante de professores, técnicos e alunos, realizada nos finais de semana e sem recurso financeiro ou operacional, hoje avança por caminhos que ultrapassam as suas fronteiras” e permeiam o interior das universidades.

Silva (2017, p. 18,19) na sua tese de doutorado, relata que teve contato com a extensão já no primeiro período da graduação e desde então não se afastou, pois reconhece que “neste espaço de extensão o aluno tem a aproximação com a educação em saúde, uma das ferramentas da promoção da saúde, veículo importante para a minimização da miséria e das desigualdades no Brasil”.

Ainda, sobre a autora supracitada, foi possível observar a unanimidade dos participantes quando interrogados acerca do momento ideal para o envolvimento em projetos de extensão e que os mesmos deveriam ser incentivados desde o início da graduação, uma vez que esta proporciona o contato não só com a teoria, mas também a prática.

Corroborando com o pressuposto, Resende et al. (2018, p. 6-7) reiteram que a participação dos alunos em projetos de extensão contribui para o processo de aprendizagem “quanto mais intensivamente o aluno estiver implicado com a prática que tem a realizar”. Destaca-se ainda que “após um período de seis meses atuando no Programa de Extensão Universitária Rede Incluir, o aluno da graduação não apresenta as mesmas perspectivas observadas durante o início do curso [...]”.

Conchão (2015) descreve a experiência da vivência de alunos que participaram de atividades extensionistas, ao longo do curso, e expõe que em projetos socioeducativos, sobre os cuidados com a saúde, contava com a participação de acadêmicos do 1º ao 3º ano. Nestes projetos, o brincar e a humanização interagem culminando na promoção da autoestima, da conscientização e da cidadania nas comunidades.

Cooperando com a narrativa desta categoria, Resende et al. (2013) apresentam a preferência dos acadêmicos de medicina quando interrogados sobre o ingresso em programas de extensão ao longo do curso:

Quando questionados acerca do interesse em participar de programas de Pesquisa, Extensão e/ou Iniciação Científica, verifica-se uma crescente procura por mais de um programa desde o primeiro (53,3%), segundo (71,4%) e terceiro período (100%), embora seguido de redução com o avanço da graduação. Outra informação que ganha destaque nesse questionamento é que o interesse em ingresso diminui no quinto período, onde 37,5% dos alunos não têm interesse em ingresso em programas, seguido pelo oitavo período (25%). Nos quarto, sexto e sétimo período há considerável ênfase no interesse de participação em apenas um programa (RESENDE et al. 2013, p.4).

Ao completar a temática, a respeito da participação dos discentes nesta pesquisa, destaca-se que apenas 1 dos pesquisados se encontrava no primeiro período e 5 dos participantes cursavam o segundo período. Diante deste dado pareceu escasso o ingresso dos discentes no projeto de extensão nos períodos iniciais. Constata-se que é necessária maior sensibilização, aos alunos dos períodos iniciais, quanto a divulgação de todos os projetos de extensão oferecidos pela IES. Fica também o questionamento se haveria falta de interesse, por parte dos acadêmicos, em participar das atividades extensionistas no início dos cursos de graduação, ou seria necessário uma

divulgação mais ampla, por parte da IES, a respeito da importância de extensão para o estabelecimento de diálogo construtivo e transformador com os demais setores da sociedade brasileira.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa foi possível notar a relevância da extensão para os acadêmicos inseridos no projeto de extensão Educar para Prevenir. Diante dos relatos dos participantes percebeu-se a amplitude que a mesma traz em diversos âmbitos, pois apreender a teoria conciliando-a com a prática permite que visões acerca de mundos diferentes sejam repensadas e valorizadas, acolhendo a cultura e opiniões extra Universidade.

A extensão é uma via de mão dupla, pois permite que a academia possa partilhar com diferentes cenários o saber científico por meio do ensino e pesquisa. Os alunos extensionistas recebem a oportunidade de praticar as habilidades de comunicação com diferentes públicos, desenvoltura que alguns poderão não desenvolver ao longo da graduação por estarem distantes de atividades como esta.

Percebeu-se que ao fazer a extensão houve a possibilidade de disseminar conhecimento, respeito às opiniões de profissionais de diferentes áreas e aprendizagem quanto ao trabalho em equipe. Nas atividades realizadas pode-se destacar a importância da extensão para a formação acadêmica, desde os períodos iniciais e, também para a vida pessoal onde a troca de experiência, junto à comunidade, se mostrou muito importante.

A partir da imersão no campo da extensão ficou notória a necessidade do incentivo à participação dos acadêmicos em ações extensionistas, que se constituem em processo interdisciplinar em articulação permanente com o ensino e a pesquisa, com o propósito de interação entre a IES e outros setores da sociedade. No entanto, também ficaram evidentes barreiras e limitações na inserção dos alunos nas atividades extensionistas. Foram apontadas dificuldades como a falta de tempo, realização das atividades do projeto em contra turno, falta de interesse de alguns alunos e necessidade de adequação na comunicação dialógica.

Por fim, espera-se que este estudo tenha iniciado um processo de promoção e manutenção de saúde, mediante ações educativas realizadas na comunidade. Acredita-se que seja uma contribuição para futuras pesquisas

acerca da extensão universitária, assim como em diferentes âmbitos de conhecimento, associando e fortalecendo o elo entre os pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser.

REFERÊNCIAS

ANJOS FILHO, Nilton Correia dos; SOUZA, Ana Maria Portela de. A percepção sobre o trabalho em equipe multiprofissional dos trabalhadores de um Centro de Atenção Psicossocial em Salvador, Bahia, Brasil. **Interface: Communication, Health, Education**, Botucatu, v. 21, n. 60, p. 63–76. 2017.

BADZIAK, Rafael Policarpo Fagundes; MOURA, Vitor Eduardo Viana. Determinantes sociais da saúde: Um conceito para efetivação do direito à saúde. **Revista de Saúde Pública de Santa Catarina**, Florianópolis, v. 3, n. 1, jan./jun. 2010.

BARBOSA, Valeska Cristina. Extensão Universitária: proposição e validação de um instrumento de avaliação da percepção dos discentes. Dissertação (Mestrado em Administração) – Fundação Mineira de Educação e Cultura/Faculdade de Ciências Empresariais. Belo Horizonte, 2012.

BARRAGÁN, Tereza Ontañón; RODRIGUES, Gilson Santos; SPOLAOR Gabriel da Costa e BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. O PAPEL DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA SOBRE AS ATIVIDADES CIRCENSES. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 1, jan./mar. 2016.

BARROS, Fabiane Frigotto de; FRANCO, Adriana Cristina. Extensão universitária em saúde ginecológica de mulheres trabalhadoras: educação para promoção da saúde. **Revista Espaço para a Saúde**. Curitiba, v. 19, n. 2, p. 43–53, dez. 2018.

BERNARDI, Ana Paula. MACIEL, Manuela Avila. BARATTO, Indiomara. EDUCAÇÃO NUTRICIONAL E ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL PARA ALUNOS DA UNIVERSIDADE ABERTA A TERCEIRA IDADE (UNATI). **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, São Paulo, v. 11, p. 224–231, jul./ago. 2017.

BEZERRA, Thaíse Alves; OLINDA, Ricardo Alves; PEDRAZA, Dixis Figueroa. Insegurança alimentar no Brasil segundo diferentes cenários sociodemográficos. **Revista Ciências & Saúde Coletiva**, Campina Grande PB, v. 22, n. 2, p. 637–651. 2017.

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Minas Gerais, v. 16, n. 32, p. 1–26, jul. 2011.

BORGES, Gabriela Fernanda Silva. RESENHA. FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao**

pensamento de Paulo Freire. Trad. de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. **Criar Educação**, Criciúma, v. 7, nº2, jul/dez. 2018.

BRANDÃO, Aline Ferreira; VARGAS, Vagner de Souza; GOMES, Giovana Calcagno; PELZER, Marlene Teda; LUNARDI, Valéria Lerch. Educação Em Saúde Através Da Educação Nutricional. **Vittalle**, Rio Grande, v. 21, n. 2, p. 11–17, 2009.

BRASIL. Lei nº 5540 de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média. Brasília, DF, 28 de novembro de 1968.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. BRASÍLIA, 2005.

BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. **Diretrizes de Educação em Saúde Visando à Promoção da Saúde: documento base – documento I**. Brasília: Funasa, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Avaliação de tecnologias em saúde: ferramentas para a gestão do SUS**. Brasília, 2009.

BRASIL. Decreto no 7.272, de 25 de agosto de 2010. Cria o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – SISAN com vistas em assegurar o direito humano à alimentação adequada, institui a Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional – PNSAN, estabelece os parâmetros para a elaboração do Plano Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 164, 26 de agosto de 2010, seção 1, p. 6-8.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Projeto de Terminologia da Saúde**. Brasília, 2012a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que institui. **Diretrizes e Normas Regulamentadora das Pesquisas envolvendo seres humanos**. 2012b. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.htm. Acesso em: 09 julho. 2018

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018 que **Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências**, p. 1–12, 2018a.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Princípios e Práticas para Educação Alimentar e Nutricional** BRASÍLIA, 2018b.

BUENO, Júlia Macedo; MARTINO, Hercia Stampini Duarte; FERNANDES, Maria Fernanda Scareli; COSTA, Luciana Silva; SILVA, Roberta Ribeiro; Avaliação nutricional e prevalência de doenças crônicas não transmissíveis em idosos pertencentes a um programa assistencial. **Ciência e Saúde Coletiva**, Minas Gerais, v.13, n.4, p.1237-1246, jun. 2008.

CAIRES, Carla Maria de; SILVA, Maria de Fátima Gomes dos Santos; LOPES, Roberta Adyr. A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO UNIVERSIDADE SOLIDÁRIA. *Vereda/BA*, v. 52, n. 1, p. 1–5, jul. 2002.

CÂMARA, Ana Maria Chagas Sette et al. Percepção do processo saúde-doença; significados e valores da educação em saúde. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v.36, n. 1, supl.1, p. 40-50, Mar. 2012.

CAMPO, Maria Teresa Fialho de Souza; MONTEIRO, Josefina Bressan Resende; ORNELAS, Ana Paula Rodrigues de Castro. Fatores que afetam o consumo alimentar e a nutrição do idoso. **Rev. Nutr., Campinas**, Minas Gerais, v. 13, n. 3, p. 157-165, set./dez. 2000.

CARVALHO, Fabio Fortunato Brasil de; COHEN, Simone Cynamon; AKERMAN, Marco. Refletindo sobre o instituído na Promoção da Saúde para problematizar “dogmas”. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 41, n. spe3, p. 265–276, set. 2017.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. **A UNIVERSIDADE, A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTOS EMANCIPADORES**. p. 1–16, 2004. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva. Orientador: Prof Ruben Mattos), Rio de Janeiro, 2004.

CASTRO, Inês Ribeiro Rugani de. A extinção do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional e a agenda de alimentação e nutrição. **Cad. Saúde Pública**, v. 35, p. 1-4, 2019.

CERVATO, Ana Maria, Derntl, Alice Moreira; Latorre, Maria do Rosário Dias de Oliveira, Marucci, Maria de Fátima Nunes. Educação nutricional para adultos e idosos: uma experiência positiva em Universidade Aberta para a Terceira Idade. **Revista de Nutrição**. Campinas, v. 18, p. 41-52, jan./fev. 2005.

CONCHÃO, Silmara. Extensão Universitária na Faculdade de Medicina do ABC: quais avanços e limites? **ABCS Health Sci**, Santo André, v. 40, n. 3, p. 318–323, out. 2015.

COZBY, Paul C. **Métodos de Pesquisa em Ciências do comportamento**. Tradução Paula Inez Cunha Gomide, Emma Otta, revisão técnica Jose Oliveira Siqueira. São Paulo: Atlas, 2003.

DAWALIBI, Nathaly Wehbe; ANACLETO, Geovana Mellisa Castrezana; WITTER, Carla; GOULART, Rita Maria Monteiro; AQUINO, Rita de Cássia de; Envelhecimento e qualidade de vida: análise da produção científica da

SciELO. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 393-403, jul/set. 2013.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; ROVEDA, José Arnaldo Frutuoso; ZUANON, Angela Cristina Cilense; GALHARDO, Eduardo. Interdisciplinaridade em extensão universitária. **Rev. Ciênc. Ext.** v.13, n.3, p.2-12. 2017.

DESLANDES, Maria Sonia.; ARANTES, Alisson Rabelo. A extensão universitária como meio de transformação social e profissional. **Sinapse Múltipla**, Minas Gerais, v. 6, n. 2, p. 179–183, dez. 2017.

DEUS, Sandra de Fátima Batista de. A valorização da Extensão universitária no Brasil. Entrevista concedida a Geraldo Ceni Coelho. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 8, n. 2, p. 121-124. 2017.

DEUS, Sandra de Fátima Batista de. A extensão universitária e o futuro da universidade. **Revista Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 25, n. 3, p. 624–633, set./dez. 2018.

DIVINO, Anne Emiler do Amor; OLIVEIRA, Carla Eduarda Luz de; COSTA, Christian Alexandra de Carvalho; SOUZA NETA, Ilda Rollemberg de; CAMPOS, Lucir da Silva; MENEZES, Raira Mota de Jesus; CABRAL, Stephanie Costa da Silva; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral. A extensão universitária quebrando barreiras. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, Aracaju, v.1, n.16, p.135-140, mar. 2013.

FACULDADE FUNDAÇÃO MOCOCA. **Manual da Extensão Universitária**, p. 1-24, 2009. Disponível em: <http://www.fafem.com.br/extens%E3o/manual.pdf>. Acesso em: 22.jul.2018.

FAZZIO, Débora Mesquita Guimarães; Envelhecimento e qualidade de vida – uma abordagem nutricional e alimentar. **Revisa**, Brasília, v. 1, n. 61, p. 76–78, jan./jun. 2012.

FERREIRA, Vanessa A.; MAGALHÃES, Rosana. Nutrição e promoção da saúde: perspectivas. **NUTRIÇÃO E PROMOÇÃO DA SAÚDE**, Rio de Janeiro, v. 23, n.7, p. 1674-1681, jul. 2007.

FERREIRA, Viviane Ferraz; ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da; LOPES, Márcia Maria Bragança; SANTOS, Milena Silva dos; MIRANDA, Shirley Aviz de. Educação em saúde e cidadania: revisão integrativa. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 363-378, maio./ago. 2014.

FERREIRA, Ailson Darlan Sales; COSTA, Ellyda Fernanda Lopes; FARIAS, Karol Fireman de; BEZERRA, Rubens Pereira; DANTAS, Tiago Ferreira; ZACARIAS, Vinicius Silva. A história da Educação em Saúde e seus modelos de prática impostos à sociedade. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema AL, v. 1, n. 1, p. 48, jan./abr. 2016.

FLISCH, Tácia Maria Pereira; ALVES, Rodrigo Henrique; ALMEIDA, Thiara Amanda Corrêa de; TORRES, Heloísa de Carvalho; SCHALL, Virginia Torres; REIS, Dener Carlos dos. Como os profissionais da atenção primária percebem e desenvolvem a Educação Popular em Saúde? **Interface- Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 18, p. 1255-1268, maio./dez. 2014.

FONSECA, Regina Célia Veiga da. **Como elaborar projetos de pesquisa e monografias: guia prático**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2007.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS. **Avaliação da Extensão Universitária**: práticas e discussões da Comissão Permanente de Avaliação da Extensão. Organização: Maria das Dores Pimentel Nogueira. Belo Horizonte: FORPROEX/ CPAE; PROEX/UFMG, 2013 (Coleção Extensão Universitária; v.8).

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Extensão Universitária**: organização e sistematização. (Org.): Edison José Corrêa. Coordenação Nacional do FORPROEX. - Belo Horizonte: Coopmed, 2007. Disponível em: <<http://www.cedaf.ufv.br/dxt/anexos/pagina/arquivos/2358.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2018.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. p. 68, 2012. Disponível em: <<http://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>>. Acesso em 04 maio 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. Tradução Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez & Morales, 1979.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: Teoria e prática em educação popular**. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREITAG, Vera Lucia; DALMOLIN, Indiara Sartori; SCHNEIDER, Fabiéli Vargas Muniz; PETRONI, Sidnei; MILBRATH, Viviane Marten. A universidade e seu papel social: educação em saúde com trabalhadores de uma empresa de transporte urbano. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 4, p. 66–79, jul./dez. 2016.

FREITAS, Taísa de Paula Paiva; PAULA, Cristiane Cardoso de; ZANON, Bruna Pase; MEIRELLES, Fernando Setembrino Cruz; WEILLER, Teresinha Heck; PADOIN, Stela Maris de Mello. Contribuições da extensão universitária na formação de acadêmicos de enfermagem. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 3, p. 307, jul./set. 2016.

GADOTTI, Moacir. **Extensão Universitária: Para quê?** Instituto Paulo Freire, p. 1–18, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GILLIS, Doris E; ENGLISH, Leona M; Extension and health promotion: an adult learning approach. *J Extensio*. 2001; 39(3):1-12. Disponível em: <<https://www.joe.org/joe/2001june/a4.php>>. Acesso em 13 março 2018.

INTER, L. 60. Interdisciplinaridade e Didática. **Interdisciplinaridade**, v. 1, p. 1–92, 2015.

KOIFMAN, Lilian: 'O modelo biomédico e a reformulação do currículo médico da Universidade Federal Fluminense'. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, vol. VIII, p. 48-70, mar./jun. 2001.

LIMA, Aline Ferreira de; RODRIGUES, Eric Gabriel Oliveira; SANTOS, Vanessa Milena Mendes dos; NERY, Ariana Mahara Fernandes; SOUSA, Jemina Tabita. A IMPORTÂNCIA DO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL II **Jornada Ibero-Americana de Pesquisas em Políticas Educacionais e Experiências Interdisciplinares na Educação**, p. 1586–1597, 2017.

LORANDI, Paulo Angelo. EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL: análise de uma prática. **Revista Even. Pedagog**, v. 1, p. 148–167, jan./maio. 2016.

LUBINI, Vanusa Thaine; WILLRICH, Janaína Quinzen; PORTELA, Dariane Lima; ROSSO, Lucas Henrique de; ALMONDES, Franlayde de Moura Evangelista; BERGMANN, Martina Michaelis; OLIVEIRA, Thais Damasceno; BRAGA, Gabriele de Brito; SANTOS, Elitiele Ortiz dos. EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA COMUNIDADE: AÇÕES EXTENSIONISTAS EM UMA COMUNIDADE DO SUL DO BRASIL. **Revista Extensão em Foco**, v. 14, p. 52–61, dez. 2017.

MAFFEI, Daniele Fernanda; WAISSMANN, William; RADDI, Maria Stella Gonçalves; CATANOZI, Maria da Penha Longo Mortatti. Práticas educativas em segurança alimentar: uma experiência de extensão universitária. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, n. 2, p. 153–161, 2016.

MANCHUR, Josiane; SURIANI, Ana Lucia Affonso; CUNHA, Márcia Cristina da; A CONTRIBUIÇÃO DE PROJETOS DE EXTENSÃO NA

CONTRIBUTIONS OF EXTENSION PROJECTS TO THE PROFESSIONAL EDUCATION OF STUDENTS OF. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 9, p. 334–341, jul./dez. 2013.

MARCHELLI, Paulo Sergio. DA LDB 4.024/61 AO DEBATE CONTEMPORÂNEO SOBRE AS BASES CURRICULARES NACIONAIS. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, p. 1480–1511, out./dez. 2014.

MARIATH, Aline Brandão; GRILLO, Luciane Peter; SILVA, Raquel Oliveira da; SCHMITZ, Patrícia; CAMPOS, Isabel Cristina de; MEDINA, Janete Rosa Pretto; KRUGER, Rejane Magda. Obesidade e fatores de risco para o desenvolvimento de doenças crônicas não transmissíveis entre usuários de unidade de alimentação e nutrição. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 897-905, abr. 2007.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: Fundamentos e recursos Básicos**. 2ª ed. São Paulo: Moraes, 1994.

MARTINS, Eliecília de Fátima; Extensão como componente curricular: oportunidade de formação integral e de solidariedade. **Ciências e Cognição**, v. 13, n. 2, p. 201 – 209, fev./jul. 2008.

MARTINS, Silvana Neumann; ECKHARDT, Viviane Maria Teves.; VALANDRO, Natália de Alencastro; COSTA, Janaina da. A Contribuição Da Extensão Na Formação De Universitários: Um Estudo De Caso. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 7, n. 12, p. 193–207, jan./jun. 2015.

MEDEIROS, Márcia Maria de. A Extensão Universitária No Brasil – Um Percurso Histórico. **Revista Barbaquá - UEMS**, Dourados - MS, v. 01, p. 09-16, jan./jun. 2017.

MENEGON, Rodrigo Rodrigues; GOUVEIA JÚNIOR, Sérgio Augusto.; LIMA, Marcia Regina Canhoto.; LIMA, José Milton. Projetos De Extensão: Um Diferencial Para O Processo De Formação. **Colloquium Humanarum**, v. 10, n. Especial, p. 1268–1274, jul./dez. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Saúde-doença: Uma concepção popular da etiologia. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 4, p. 363-381, out./dez. 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10ªed. São Paulo: Hucitec-Abrasco; 2007.

MIRANDA, Gabriella Morais Duarte; MENDES, Antonio da Cruz Gouveia; SILVA, Ana Lucia Andrade. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 19, p. 507-519, jan./mar. 2016.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra de. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Fundamentação da Educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14 n. 41 maio./ago. 2009.

MORON, Victória Branca; PINTO, Aline da Silva; KONRATH, Magale. Formação Profissional Em Saúde: Perspectivas Interdisciplinares no Projeto de Extensão "Saúde em Ação". **Revista Conhecimento Online**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 179 - 191, jul./dez 2018.

NOBRE, Roseanne de Sousa; MOURA, Jayne Ramos Araujo; BRITO, Gislany da Rocha; GUIMARÃES, Mayla Rosa; SILVA, Ana Roberta Vilarouca da. VIVENCIANDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA ATRAVÉS DE AÇÕES DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR. **Extensão Educação em Saúde**, Piauí, v. 20, n. 2, p. 288–292, abr./jun. 2017.

OLIVEIRA, Hadelândia Milon de; GONÇALVES, Maria Jacirema Ferreira. Educação em Saúde: uma experiência transformadora. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 6, p. 761–763, nov./dez. 2009.

OLIVEIRA, Jéssica Heloisa dos Santos; LIMA, Daniela Coelho; FERNANDES, Leandro Araújo; PEREIRA, Alessandro Aparecido; FERNANDES, Cíntia Abdenor. Envelhecer com qualidade: reflexo de ações extensionistas em instituições asilares. **Rev. Ciênc. Ext**, Minas Gerais, v.12, n.2, p.141-152, dez. 2016.

OLIVEIRA, Franklin Learcton Bezerra de; ALMEIDA JÚNIOR, José Jailson de. Extensão universitária: contribuições na formação de discentes de Enfermagem. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**, Vitória, v. 17, n. 1, p. 19–24, jan./mar. 2015.

OLIVEIRA, Francisco Ariclene; SOUSA, Francimara Silva; CAVALCANTE, Sheyla Lira; COUTO, Alana Régia Matias; ALMEIDA, Arisa Nara Saldanha de; BRANCO, Mirian Ferreira Coelho Castelo. Atividades de educação em saúde realizadas com grupo de idosas para promoção do autocuidado em saúde. **Extensio: Revista Eletrônica de Extensão**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 137–150. 2018.

PAULA, João Antonio de. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão**, v. 1, n.1, p. 05–23, jul./nov. 2013.

PINHO, Márcia Cristina Gomes de. Trabalho em equipe de saúde: limites e possibilidades de atuação eficaz. **Revista Ciência e Cognição**, v. 8, p. 68-87, agosto. 2006.

POLIT, Denise F; BECK, Cheryl Tatano; HUNGLER, Bernadete P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed

Editora, 2004.

POSSER, Juliana; PEDROSO, Débora. Ensino, Pesquisa e Extensão: a Educação em Saúde como ferramenta para prevenção de parasitoses. **Cataventos Revista de Extensão da Universidade de Cruz Alta**, v. 8, n. 01, p. 74-89, 2016.

PUHL, Mário José. O CONHECIMENTO E O PRINCÍPIO DA INDISSOCIABILIDADE ENTRE ENSINO. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.69, p. 222–232, set. 2016.

RECINE, Elisabetta; RADAELLI, Patrícia; **Alimentação Saudável**. Brasília: Ministério da Saúde (NUT/FS/UnB – ATAN/DAB/SPS), 2005. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/alimentacao_saudavel.pdf>. Acesso em 01 Outubro 2019.

REIS, Tatiana Carvalho; FIGUEIREDO, Maria Fernanda Santos; SOUZA, Luís Paulo Souza e; SILVA, José Rodrigo da; AMARAL, Anna Karenina Martins do; MESSIAS, Romerson Brito; LEITE, Maísa Tavares de Souza; RODRIGUES NETO, João Felício. Educação em saúde: aspectos históricos no Brasil. **Journal of the Health Sciences Institute**, v. 31, n. 2, p. 219–224, 2013.

RESENDE, Juliana Cavalcanti; ALVES, Rafael Bruno da Silveira; COUTINHO, Mayrla de Sousa; BRAGAGNOLI, Gerson; ARAÚJO, Cristina Ruan Ferreira de. Importância da Iniciação Científica e Projetos de Extensão para Graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 17, n. 1, p. 11–18, 2013.

RESENDE, Carolina Costa; GONÇALVES, Anna Carina Cunha; SANTOS, Edijane Pereira dos; VAZ, Gabriela de Souza; FALEIRO, Luiza Roberta Maciel. Aprender a Incluir: o papel da extensão universitária na perspectiva de alunos extensionistas do Programa Rede Incluir. **Revista Interdisciplinar de Extensão**, v 2, p. 121–132, mar./jun. 2018.

RIBEIRO, Marcos Aguiar; CAVALCANTE, Ana Suelen Pedroza; ALBUQUERQUE, Izabelle Mont'Alverne Napoleão; VASCONCELOS, Maristela Inês Osawa. A extensão universitária na perspectiva de estudantes de cursos de graduação da área da saúde. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n.21, p. 55–69, jan./jun. 2016.

RIBEIRO, Mayra Rodrigues Fernandes; PONTES, Verônica Maria de Araújo; SILVA, Etevaldo Almeida. A Contribuição Da Extensão Universitária Na Formação Acadêmica: Desafios E Perspectivas. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 52–65, jan./abr. 2017.

RODRIGUES, Andréia Lilian Lima; PRATA, Michelle Santana; BATALHA, Taila Beatriz Silva; COSTA, Carmen Lúcia Neves do Amaral; PASSOS NETO, Irazano de Figueiredo. Contribuições da extensão universitária na sociedade.

Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 1, n. 16, p. 141–148, mar. 2013.

ROQUETE, Fátima Ferreira; AMORIM, Maria Marta Amâncio; BARBOSA, Simone de Pinho; SOUZA, Danielle Cristina Moreira de; CARVALHO, Daclé Vilma. MULTIDISCIPLINARIDADE, INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE: EM BUSCA DE DIÁLOGO ENTRE SABERES NO CAMPO DA SAÚDE COLETIVA. **R. Enferm. Cent. O. Min**, v. 2, n. 3, p. 463–474, set./dez. 2012.

ROTHEN, José Carlos. **A UNIVERSIDADE BRASILEIRA SEGUNDO O ESTATUTO DE 1931**. n. art 3, 1980.

SALCI, Maria Aparecida; MACENO, Priscila; ROZZA, Soraia Geraldo; SILVA, Denise Maria Guerreiro Vieira da. BOEHS, Astrid Eggert; HEIDEMANN, Ivonete Teresinha Schulter Buss. EDUCAÇÃO EM SAÚDE E SUAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS: ALGUMAS REFLEXÕES. **Texto & Contexto - Enfermagem**, Florianópolis, v. 22, n. 1, p. 224–30, jan./mar. 2013.

SANTOS, Ana Célia Oliveira dos. MACHADO, Myrtes Maria de Oliveira; LEITE, Elder Machado. Envelhecimento e alterações do estado nutricional. **Geriatrics & Gerontologia**, v. 4, n. 3, p. 168–175, ago./out. 2010.

SANTOS, Lígia Amparo. Avanços e desdobramentos do marco de referência da educação alimentar e nutricional para políticas públicas no âmbito da universidade e para os aspectos culturais da alimentação. **Rev Nutr**, Campinas, v. 26, n.5, p. 595–600, set./out. 2013.

SANTOS, Alfredo Balduino. As ações de extensão universitária da modalidade Rondon. Entrevista concedida a Geraldo Ceni Coelho. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, v. 6, n. 2, p. 103-108, 2015.

SARAIVA, José Leite. Papel da Extensão Universitária na Formação de Estudantes e Professores. **Brasília Médica**, Brasília, v. 44, n. 3, p. 225-233, ago. 2007.

SICHERI, Rosely; COITINHO. Denise C; MONTEIRO, Josefina B; COUTINHO, Waldir F. Recomendações de Alimentação e Nutrição Saudável para a População Brasileira. **Arq Bras Endocrinol Metab**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 3, p. 227-232, jun. 2000.

SILVA, Juliana Guimarães e; GURGEL, Adryana Aguiar; FROTA, Mirna Albuquerque; VIEIRA, Luiza Jane Eyre de Souza; VALDÉS, Maria Teresa Moreno. Promoção da saúde: possibilidade de superação das desigualdades sociais. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 421–425, jul./set. 2008.

SILVA, Antonio Fernando Lyra da; RIBEIRO, Carlos Dimas Martins; SILVA JÚNIOR, Aluísio Gomes. Pensando extensão universitária como campo de

formação em saúde: uma experiência na Universidade Federal Fluminense, Brasil. **Interface**, Botucatu, v.17, n.45, p.371-84, abr./jun. 2013.

SILVA, Patrícia Andréia da; SILVA, Giulyanne Maria Lima da; RODRIGUES, José Damião; MOURA, Petrucio Venceslau de; CAMINHA, Iraquitan de Oliveira; FERREIRA, Daniela Karina da Silva. Atuação em equipes multiprofissionais de saúde: uma revisão sistemática. **ConScientiae Saúde**, v. 12, n. 1, p. 153–160, mar. 2013.

SILVA, João Victor Farias da; SILVA, Edlla Cabral da; RODRIGUES, Ana Paula Rebelo Aquino; MIYAZAWA, Ana Paula. A relação entre o envelhecimento populacional e as doenças crônicas não transmissíveis: Sério desafio de saúde pública. **Ciências Biológicas e da Saúde**, Maceió, v. 2, n. 3, p. 91-100, maio. 2015.

SILVA. Crissanny Inês de Oliveira; SILVA, Daniel Dias da; MATOS, Martha Maria Vasconcelos Lima; ROSA, Maria das Graças Santa; FERREIRA, Maria Presciana de Brito; SILVA, Luan Aleksander Ângelo. INTERDISCIPLINARIDADE NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E CONSTRUÇÃO DE SABERES EM ASSENTAMENTOS PERNAMBUCANOS. **Revista Eletrônica de Ciências**, v. 9, p. 98–117, 2016.

SILVA, Margarete Bernardo Tavares da. **INSERÇÃO DO ACADÊMICO DE ENFERMAGEM EM ATIVIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. 2017 Tese (Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2017.

SOUSA, Beatriz da Silva; ANDRADE, Abigail de Paulo; SALES FILHO, Raimundo Faustino; SOUSA, Iara Laís Lima; SILVA, Franciana Gabaglia da; GONÇALVES, Kauanny Gomes. A contribuição da extensão universitária no serviço de assistência pré-hospitalar. **Revista Nursing**. v22, p 2741-2744, 2019.

SOUZA, Paulo Henrique de ; MOREIRA, Denis da Silva.; SOUZA, Marta Maria Pereira de. Uma breve descrição da Extensão Universitária na UNIFAL-MG. **Interfaces – Rev. de Extensão**, Belo Horizonte, v. 2, n.2, p. 17–35, jan./jun. 2014.

THEME FILHA, Mariza Miranda; SOUZA JUNIOR, Paulo Roberto Borges de; DAMACENA, Giseli Nogueira; SZWARC WALDI, Celia Landmann. Prevalência de doenças crônicas não transmissíveis e associação com autoavaliação de saúde: Pesquisa Nacional de Saúde, 2013. **REV BRAS EPIDEMIOL**, v. 18, n. 2. p. 83-96, dez. 2015

TREZZA, Maria Cristina Soares Figueiredo; SANTOS, Regina Maria dos; SANTOS, Jirliane Martins dos. Trabalhando educação popular em saúde com a arte construída na cotidiano da enfermagem: um relato de experiência. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 326-34, abr./jun. 2007.

VICENTE, Evelyn Daniele Bergamo; SOUZA, Sabrina de. **Contribuições da extensão universitária na sociedade:** primeira experiência do curso de estética e imagem pessoal do centro universitário leonardo da vinci no programa uniedu, Indaial - SC, p. 1-8, Maio. 2016.

WHO. World Health Organization. 1986. **Carta de Ottawa**, p. 11-18. In Ministério da Saúde/FIOCRUZ. Promoção da Saúde: Cartas de Ottawa, Adelaide, Sundsvall e Santa Fé de Bogotá. Ministério da Saúde/IEC, Brasília.

APÊNDICE

1 INSTRUMENTO DE PESQUISA

Gênero: () feminino () masculino () outros

Etnia: _____

Faixa Etária:

() 18 – 19 anos () 20 – 25 anos () mais de 25 anos.

Curso: () Enfermagem () Medicina () Psicologia () Farmácia ()

Medicina

Período que está cursando:

() 1º período () 2º período () 3º período () 4º período () 5º período () 6º período () 7º período () 8º período () 9º período

Perguntas norteadoras

1. O que representa para você as atividades de extensão na sua formação acadêmica?
2. Quais os pontos positivos e as fragilidades que você aponta nas atividades de extensão?
3. Como as atividades de extensão contribuem para melhorar a qualidade de vida das comunidades participantes?
4. Qual a sua percepção do conhecimento construído junto ao tema saúde alimentar e nutricional apresentado às idosas?
5. Você acha que há um momento específico na graduação para trabalhar a educação em saúde?
6. Como você percebe a participação de alunos dos diversos cursos de graduação trabalhando em conjunto nas atividades extensionistas?
7. Qual o ponto de maior relevância que você pode destacar no projeto de extensão Educar para Prevenir?

2 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado **ATIVIDADES EXTENSIONISTAS SOB A ÓTICA DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE**, cujo objetivo é: Avaliar a percepção dos alunos extensionistas frente a ações educativas em saúde junto a uma comunidade de idosa. Este trabalho se justifica, pois uma alimentação adequada nessa fase da vida é de suma importância para a saúde física e mental.

Sua participação no referido estudo será no sentido de participar de uma entrevista individual com o pesquisador que será gravada desde que autorizada por você.

A pesquisa realizada apresenta alguns benefícios tais como a expectativa de oferecer a oportunidade de um momento de reflexão quanto a sua participação no projeto, bem como sobre a importância da atividade de extensão como um dos pilares da educação.

Por outro lado, poderá apresentar tais riscos com relação ao sigilo das entrevistas. Estes riscos serão minimizados da seguinte maneira: o pesquisador codificará os dados sociodemográficos e o separará do TCLE para preservar o anonimato. O pesquisador se comprometerá com você em não o identificar, mantendo-o no anonimato. Os conteúdos gravados serão zelados pelo pesquisador que os manterá em arquivos privativos, os quais serão destruídos depois de cinco anos. Sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome, qualquer dado/informação a seu respeito, ou ainda, qualquer elemento que possa de qualquer forma lhe identificar, será mantido em sigilo.

Poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se optar por se retirar da pesquisa não sofrerá qualquer prejuízo, caso esteja recebendo algum tipo de assistência.

As pesquisadoras envolvidas com o referido projeto são Franciele Coutinho França e a orientadora Dra. Maria Cecilia Da Lozzo Garbelini, com as quais poderá manter contato pelos telefones 41- 99739-5996. Se tiver dúvidas referentes ao projeto de pesquisa poderá manter contato com o

Comitê de Ética pelo número 41- 3310-1512. Também haverá assistência integral, gratuita e imediata por parte dos pesquisadores. É também assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como lhe será garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que queira saber antes, durante e depois da sua participação na pesquisa.

Não haverá nenhum valor econômico a receber ou a pagar por sua participação. Caso tenha qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa, haverá ressarcimento na forma seguinte: mediante depósito em conta corrente. Caso haja algum dano decorrente da sua participação no estudo, será devidamente indenizado nas formas da lei.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades Pequeno Príncipe – CEP/FPP sob o parecer nº2.827.939:

Tendo sido orientado (a) quanto ao teor de tudo o que aqui foi mencionado, se compreendeu a natureza e o objetivo do referido neste estudo e se deseja participar do mesmo, pode, por favor, manifestar seu consentimento?

Sim, li e me foi esclarecido todo o conteúdo do termo acima. Além disso, estou recebendo uma cópia deste termo, assinado pela pesquisadora.

Nome e RG do participante:

Assinatura do(a) participante da pesquisa

Declaro que obtive de forma apropriada o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante de pesquisa, representante legal ou assistente legal para a participação neste estudo, e atesto veracidade nas informações contidas neste documento de acordo resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Franciele Coutinho França

ANEXOS

1 TERMO DE CONFIDENCIALIDADE/RESPONSABILIDADE

Ao Comitê de Ética em Pesquisa das Faculdades Pequeno Príncipe
Prezada Professora Ms. Juliana Olé Mendes da Silva

Franciele Coutinho França e Maria Cecília Da Lozzo Garbelini, autoras do estudo **ATIVIDADES EXTENSIONISTAS SOB A ÓTICA DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE**, asseguraram que o caráter anônimo de cada participante será mantido e que sua identidade será protegida de terceiros não autorizados. Os documentos não serão identificados por nome, mas por um código. Manteremos um registro de inclusão mostrando códigos para uso próprio. Os formulários de Termo de Consentimento Livre e Esclarecidos serão mantidos em confidência estrita. Também nos responsabilizamos em dar continuidade a este estudo de acordo com os Direitos Humanos, a Resolução 466/12 CNS-MS, bem como informar a este Comitê de Ética qualquer alteração, efeitos adversos, inclusões, exclusões, emendas, relatórios parciais e conclusão.

Curitiba, 10 de agosto de 2018.

Franciele Coutinho França

Maria Cecilia Da Lozzo Garbelini

2 TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdades Pequeno Príncipe
Prezada Professora Ms. Juliana Ollé Mendes MD

Eu, Prof^a Dr^a Ivete Palmira Sanson Zagonel, Diretora de Extensão da Faculdades Pequeno Príncipe, venho por meio desta, informar que estou ciente e de acordo com a realização em nossas instalações, do projeto de pesquisa intitulado **ATIVIDADES EXTENSIONISTAS SOB A ÓTICA DOS ACADÊMICOS DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE**, sob a responsabilidade da pesquisadora Franciele Coutinho França, com a colaboração da orientadora Prof^a Dr^a Maria Cecilia Da Lozzo Garbelini, a ser realizada no período de outubro a novembro de 2018. As pesquisadoras responsáveis declaram estar ciente das normas que envolvem as pesquisas com seres humanos, em especial a Resolução CNS no 466/2012 e que a parte referente à coleta de dados somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte desse Comitê ou da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Curitiba, 10 de agosto de 2018.

Prof^a Dr^a Ivete Palmira Sanson Zagonel